



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS AVANÇADO BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA

LINDINALVA DA SILVA SANTOS

A PRESENÇA DA TEMÁTICA GÊNERO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL
TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO

Maceió
2022

LINDINALVA DA SILVA SANTOS

**A PRESENÇA DA TEMÁTICA GÊNERO NA FORMAÇÃO DO
PROFISSIONAL TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Benedito Bentes do Instituto Federal de Alagoas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Jarbas Mauricio Gomes

Maceió

2022

S237p

Santos, Lindinalva da Silva.

A presença da temática gênero na formação do profissional técnico de nível médio / Lindinalva da Silva Santos. – 2022.

121 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Jarbas Mauricio Gomes.

Dissertação de Mestrado - (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica)
Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2022.

1. Educação Profissional. 2. Gênero - Trabalho Educativo. 3. Curso Técnico. 4.
Produto Educacional I. Título.

CDD: 370

Fernanda Isis Correia da Silva
Bibliotecária - CRB-4/1796

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

LINDINALVA DA SILVA SANTOS

**A PRESENÇA DA TEMÁTICA GÊNERO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL
TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 14 de março de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

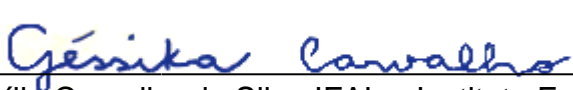


Jarbas Mauricio Gomes
Professor EB17 - Filosofia

Prof. Dr. Jarbas Mauricio Gomes
Orientador – ProfEPT IFAL - Instituto Federal de Alagoas
(Orientador)



Profª. Dra. Beatriz Medeiros de Melo ProfEPT IFAL - Instituto Federal de Alagoas
(Examinadora Interna)



Profª. Dra. Gessika Cecília Carvalho da Silva IFAL – Instituto Federal de Alagoas
(Examinadora Interna)



Profª. Dra. Elen Machado Tavares UFV - Universidade Federal de Viçosa - MG
(Examinadora Externa)

Elen Machado Tavares
Professora UFV
Matrícula: 12665-1

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

LINDINALVA DA SILVA SANTOS

**A PRESENÇA DA TEMÁTICA GÊNERO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL
TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.


Validado em 14 de março de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

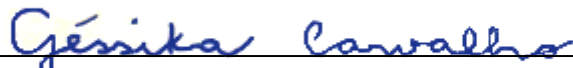


Jarbas Mauricio Gomes
Professora - EST - Filosofia

Prof. Dr. Jarbas Mauricio Gomes
Orientador – ProfEPT IFAL - Instituto Federal de Alagoas
(Orientador)



Profª. Dra. Beatriz Medeiros de Melo ProfEPT IFAL - Instituto Federal de Alagoas
(Examinadora Interna)



Profª. Dra. Géssika Cecília Carvalho da Silva IFAL – Instituto Federal de Alagoas
(Examinadora Interna)



Profª. Dra. Elen Machado Tavares UFV - Universidade Federal de Viçosa - MG
(Examinadora Externa)

Elen Machado Tavares
Professora - UFV
Matrícula: 12669

Dedico este trabalho à minha família, em especial, à minha mãe Maria de Lourdes (in memoriam), ao meu pai Samuel Antonio (in memoriam), ao meu esposo Neilton e aos meus filhos Neilton Miguel e Thales Miguel que me apoiaram e me incentivaram nesta prazerosa e difícil jornada.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora pelo dom da vida e por todas as conquistas alcançadas;

A minha mãe (in memoriam) e ao meu pai (in memoriam) pela dedicação e incentivo a minha aprendizagem formal;

Ao meu esposo por sempre incentivar a realização dessa jornada;

Ao meu filho Neilton Miguel por compreender a relevância desse trabalho;

Ao meu orientador Professor Dr. Jarbas Mauricio Gomes, por todo conhecimento compartilhado, pela dedicação, compreensão e incentivo durante essa jornada;

A professora Dra. Géssika Cecília Carvalho da Silva pelo incentivo, apoio e conhecimento compartilhado durante o seu período de orientação do trabalho;

As minhas sobrinhas Cris e Vivian pelo incentivo e apoio;

As/os amigas e amigos Kelly, Rita, Heráclito, Fernanda, Hérlei, Diego, Flávio, Nicolás, Roberto, Daniel, e Valmir por trilharem comigo essa jornada e por todos os momentos de sofrimento e de satisfação que partilhamos.

A minha turma do ProfEPT, minha gratidão pelo incentivo, pelo aprendizado acadêmico que me acrescentaram e pelos exemplos de superação;

As Professoras Beatriz Medeiros e Elen Tavares pela participação nas bancas de qualificação e defesa e por toda a contribuição à construção desse trabalho;

A professora Joana D'arc Hollerbach e ao professor Fábio Castilho por aceitarem o convite para participar da banca de defesa como suplentes;

As professoras e professores do ProfEPT, pela aprendizagem que adquirir nesse processo acadêmico.

As/os servidoras/es e discentes do Campus em que a pesquisa foi realizada.

[...] é pelo trabalho que a mulher
conquista sua dignidade de ser humano
(BEAUVOIR, 1970).

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo investigar a presença do tema gênero na formação profissional técnica de nível médio em dois cursos de um Campus do Instituto Federal de Alagoas. O trabalho que tem como sujeitos da investigação os servidores docentes e técnicos administrativos do Campus e os estudantes do terceiro período de dois cursos Técnicos Subsequentes, caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa do tipo Pesquisa-ação com cunho colaborativo. Na primeira etapa, a coleta dos dados foi realizada mediante a aplicação de um questionário semiestruturado aos servidores docentes e técnicos administrativos do Campus com o objetivo de identificar a percepção desses sujeitos acerca do conceito de gênero, da existência de situações referentes à temática e da necessidade ou não do ensino dos conteúdos relacionados às questões de gênero nos cursos técnicos subsequentes em que atuam. A segunda etapa do estudo, que passou a envolver os estudantes pela realização de encontros dialógicos com a pesquisadora (rodas de conversas) para discutir sobre a temática, foi acompanhada do desenvolvimento de um Produto Educacional que objetiva promover espaços para o diálogo e o debate sobre as questões de gênero e trabalho no interior do Campus, dado que a temática não faz parte dos conteúdos previstos nos componentes curriculares dos referidos Cursos Técnicos Subsequentes. Ao inserir o debate e o estudo sobre a reprodução das questões de gênero no cotidiano do Campus, foi estruturado um Guia para Exposição que coloca em tela as problemáticas de gênero vivenciadas pelos estudantes, na escola e no mundo do trabalho, que sensibilize a comunidade local, crie ambientes mais saudáveis de convivência e ensino-aprendizagem e sirva como modelo de atividade educativa que possa ser realizada por servidores técnicos administrativos ou docentes, mediante iniciativas isoladas ou projetos de ensino, em diferentes unidades da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. O Produto Educacional, na forma de Guia para Exposição, fundamentada em uma perspectiva educativa e pedagógica pautada na dialogicidade e que valoriza experiências e saberes de estudantes, técnicos administrativos e docentes, busca construir um espaço a partir do qual situações-problema coletadas durante as rodas de conversas sirvam de ponto de partida para práticas educativas e atitudinais que deem visibilidade ao problema da reprodução das relações de gênero e, em especial, contribuam para a diminuição e a superação das desigualdades de gênero e apresentem as possibilidades de inserção social e o potencial intelectual e produtivo da mulher.

Palavras-chave: Gênero, Trabalho educativo, Educação Profissional e Tecnológica, Cursos Técnicos Subsequentes, Ensino.

ABSTRACT

The research aims to investigate the presence of the gender theme in the technical professional training of secondary level at the Campus of the Federal Institute of Alagoas. The research that has as research subjects the teaching staff and administrative technicians of the Campus and the students of the third period of the Subsequent Technical courses, is characterized as a qualitative study of the Action Research type with a collaborative nature. In the first stage, data collection was carried out through the application of a semi-structured questionnaire applied to the teaching staff and administrative technicians of the Campus in order to identify the perception of these subjects about the concept of gender, the existence of situations related to the theme and whether or not to teach content related to gender issues in subsequent technical courses in which they work. The second stage of the study, which started to involve the students by holding dialogic meetings with the researcher (conversation circles) to discuss the theme, was accompanied by the development of an educational product that aims to promote spaces for dialogue and debate on gender and work issues within the Campus, given that the theme is not part of the contents provided for in the curricular components of the Subsequent Technicians Courses. By inserting the debate and the study on the reproduction of gender issues in the daily life of the Campus, an Exhibition Guide was structured that puts on screen the gender problems experienced by students, at school and in the world of work, which sensitizes the local community, create healthier environments for coexistence and teaching-learning and serve as a model of educational activity that can be carried out by administrative technicians or teachers, through isolated initiatives or teaching projects, in different units of the Federal Network of Vocational and Technological Education. The educational product, in the form of an Exhibition Guide, based on an educational and pedagogical perspective based on dialogicity and that values experiences and knowledge of students, administrative technicians and teachers, seeks to build a space from which problem situations collected during the wheels conversations serve as a starting point for educational and attitudinal practices that give visibility to the problem of the reproduction of gender relations and, in particular, contribute to the reduction and overcoming of gender inequalities and present the possibilities of social insertion and intellectual potential and productive of women.

Keywords: Gender; Educational work; Professional and Technological Education; Subsequent Technical Courses; Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do Guia didático: O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero.....	63
Figura 2 – Avaliação do Produto Educacional.....	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – O conceito de gênero.....	40
Quadro 2 – Diferenciação entre sexo e gênero.....	42
Quadro 3 – Situações que envolvem questões de gênero no ambiente de trabalho..	43
Quadro 4 – Situações que envolvem questões de gênero no setor de lotação.....	45
Quadro 5 – Sobre se é importante trabalhar questões de gênero em sala de aula, mesmo não sendo conteúdo específico do componente curricular.....	45
Quadro 6 – Sobre a presença ou não de temas relacionados às questões de gênero nos dois Cursos Técnicos Subsequentes do estudo.....	46
Quadro 7 – Relação dos cursos A e B e as questões de gênero.....	47
Quadro 8 – Sobre as restrições ao sexo oposto nos cursos A e B.....	48
Quadro 09 – Ponderações dos/as avaliadores/as a respeito do Produto Educacional.....	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Percepção de situações que envolvem questões de gênero nas rotinas de trabalho.....	42
Tabela 2 – Situações ligadas à questão de Gênero percebidas no setor de lotação do/a servidor/a.....	44
Tabela 3 – Relação dos Cursos Técnicos A e B e as questões de gênero.....	47
Tabela 4 – Restrições profissional quanto ao sexo.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CNS – Conselho Nacional de Saúde

Enap – Escola Nacional de Administração Pública

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

Ifal – Instituto Federal de Alagoas

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

ProfEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

RFEPCT – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

PE – Produto Educacional

PPC – Plano Político do Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO - GÊNERO, TRABALHO E ENSINO: PRÁXIS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA.....	21
2.1. Gênero e trabalho: fundamentos teóricos.....	21
2.1.1. A polissemia do conceito de gênero.....	21
2.1.2. Gênero e trabalho: a divisão sexual do trabalho	25
2.2. Gênero e trabalho: desdobramentos na Educação Profissional e Tecnológica - EPT.....	28
2.2.1. A Educação Profissional e Tecnológica e o ensino de Gênero.....	28
2.2.2. Os desdobramentos da divisão sexual do trabalho na EPT	31
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	33
3.1. Local da pesquisa.....	35
3.2. Participantes da pesquisa.....	36
3.3. Instrumentos de coleta e análise dos dados.....	36
4 PERCEPÇÕES SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NOS CURSOS DA EPT	40
4.1. Avaliação diagnóstica: servidores técnicos administrativos e docentes do Campus.....	40
4.2. Avaliação diagnóstica: rodas de conversas com discentes do campus.....	49
5 PRODUTO EDUCACIONAL: A EXPOSIÇÃO COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DAS QUESTÕES DE GÊNERO.....	56
5.1. A Exposição como prática pedagógica para a EPT.....	57
5.2. O Produto Educacional como interação entre os saberes propostos e sua ressignificação.....	58
5.3. Análise e descrição do Produto.....	61
5.4. Avaliação do Produto	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICES	76
APÊNDICE A – Produto Educacional.....	77
APÊNDICE B – Questionário – Técnicos Administrativos.....	115
APÊNDICE C – Questionário docentes – Curso A.....	116
APÊNDICE D – Questionário docentes – Curso B.....	117

APÊNDICE E – Formulário de avaliação de Produto Educacional do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT): “O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero”	118
--	------------

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo central investigar a presença do tema gênero na formação profissional técnica de nível médio, a partir de dois cursos subsequentes ofertados na forma subsequente, nos eixos tecnológicos Ambiente e saúde (Curso/Área A) e Gestão e negócios (Curso/Área B) em um campus do Instituto Federal de Alagoas (Ifal) situado na região metropolitana de Maceió-AL. O estudo, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), filia-se às investigações da linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica, tendo como foco o macroprojeto Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na Educação Profissional e Tecnológica - EPT.

O interesse por esta temática é decorrente de minha trajetória acadêmica e profissional. Durante a licenciatura em Letras – Português Literatura – a relação da perspectiva de gênero, apesar da forma embrionária, já se fazia presente com o tema desenvolvido no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “A Sensualidade representada na figura feminina em três poemas de Gregório de Matos”. No âmbito profissional, participar do Programa Pró-equidade de Gênero e Raça do Instituto Federal de Alagoas (Ifal) em 2017 foi um divisor de águas e marcou definitivamente minha aproximação com o tema em estudo. Foi durante as atividades do programa que pude compreender, um pouco mais, as relações de poder que são firmadas na sociedade a partir da perspectiva de gênero. Portanto, a decisão em discutir essa questão de forma mais aprofundada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), segue uma trajetória pessoal, ligada também ao meu lugar de existência como mulher, que cotidianamente vivencia as desigualdades que marcam o lugar do feminino nos diversos espaços ocupados pelas mulheres na sociedade.

Diante disso, acredito que a escola como espaço de formação de subjetividade possui a capacidade de interferir diretamente na construção de um modelo de sociedade pautado na convivência respeitosa e igualitária entre homens e mulheres. Pensar acerca das lógicas que produzem e reproduzem as desigualdades de gênero, deve ser o caminho “natural” de uma educação que tem como princípio uma formação de base integral dos sujeitos, como é o caso dos princípios que fundamentam a

Educação Profissional e Tecnológica - EPT.

Assim sendo, ao assumir as relações de gênero como categoria de análise, tem-se a premissa de uma transformação paradigmática no que tange à compreensão tradicional da organização social. Esse tipo de entendimento estende-se para o campo do mundo do trabalho, compreendido de modo amplo e como parte constituinte da identidade social dos sujeitos e não apenas como ocupação laboral. Ao considerar que a categoria trabalho assume um papel formativo, ontológico, como advoga Marise Ramos (2014), não se pode deixar de pensar que as questões de gênero devem compor o processo formativo das novas gerações de profissionais, uma vez que o trabalho é um princípio educativo que ensina aos sujeitos sobre o papel social atribuído a mulheres e homens, sobre relações de poder, privilégios, sobre o lugar que cada uma, cada um deve ocupar no mundo da produção e do trabalho. Dessa forma, pautar essa questão no processo formativo de estudantes que se preparam para o ingresso ou que já estão no mundo do trabalho, se constitui em uma opção política, comprometida com a transformação social que a Educação Profissional pode ensejar na vida de homens e mulheres.

Com o intuito de que seja alcançado o atendimento do objetivo geral do presente estudo buscou-se identificar as concepções de gênero, ensino, formação e trabalho de discentes, docentes e técnicos administrativos; analisar como se dão as relações de gênero nos dois cursos; organizar reflexões sobre o papel da mulher, a partir das práticas vivenciadas, em relação à equidade de gênero; produzir um Produto Educacional em forma de Guia para orientar uma exposição fotográfica sobre relações de gênero e trabalho. Acreditamos que para que isso seja possível torna-se indispensável trabalhar esse tema na Educação Profissional e Tecnológica e, em especial nos cursos que são culturalmente atrelados a mulheres ou a homens, sobretudo, nos cursos subsequentes, foco da presente investigação, por não possuírem disciplinas como Sociologia e Filosofia, que permitiriam ampliar o debate e a visão relativa ao tema pesquisado.

O estudo assumiu uma abordagem de base qualitativa e coletou dados sobre a presença da temática gênero nos processos de ensino da formação escolar técnica de nível médio em dois Cursos Técnicos Subsequentes do Instituto Federal de Alagoas. Para tanto foram revisitados documentos curriculares da Instituição e foram entrevistados docentes, técnicos administrativos e discentes de modo a identificar posições institucionais e pessoais sobre a presença e o ensino da temática na EPT.

Deste ponto, a pesquisa partiu do pressuposto de que trabalhar as questões de gênero na formação profissional de nível médio é uma condição para que os egressos do Ifal tenham acesso à uma formação humanística, omnilateral e integral. Afinal, quando a relação entre gênero e trabalho é explorada durante a formação profissional de nível médio, caminha-se em direção à formação de um tipo novo de profissional, um tipo que passa a refletir sobre as estruturas dos sistemas produtivos, da organização do trabalho e das relações de poder e submissão historicamente naturalizadas nas relações de trabalho entre mulheres e homens.

Diante disso, investigar a presença da temática gênero no ensino e na formação dos profissionais técnicos de nível médio é um primeiro passo para mapear práticas educativas realizadas no interior do Ifal com vistas a consolidação de uma EPT que é mediada pelas bases conceituais defendidas por Maria Ciavatta (2005), Gaudêncio Frigotto (2007), Marise Ramos (2011; 2014) dentre outras e outros que tem se dedicado a pensar e refletir sobre a formação escolar no âmbito dos Instituto Federais de Educação Ciência e Tecnologia.

Diante do que foi exposto, o estudo buscou problematizar o lugar do ensino da temática gênero no processo de formação profissional de técnicos de nível médio realizada em cursos técnicos ofertados na forma subsequente. Partindo da hipótese de que nessa forma de oferta (Cursos subsequentes) o tema gênero não é trabalhado em sala de aula porque é considerado pouco relevante para a formação profissisonal de técnicos de nível médio, centrado na questão do ensino da temática gênero, o estudo procurou olhar os processos reais da práxis de ensino e para a percepção dos sujeitos nela envolvidos.

Para cumprir o proposto e problematizar a temática, buscou-se conceituar gênero, sexo e sexualidade e as relações de poder que são construídas a partir de sua concepção ao longo da história e da sociedade em que as pessoas estão inseridas. Como fundamentação teórica visitamos as formulações de pesquisadores e pesquisadoras como Joan Scott (1995), Guacira Lopes Louro (1995; 1997; 2000), Judith Butler (2015), Pierre Bourdieu (2002) e Carla Akotirene (2018). No que diz respeito a relação entre gênero e trabalho, o estudo ancora-se nas concepções de trabalho e formação integral em uma perspectiva omnilateral a partir dos escritos de Marise Ramos (2011), Manacorda (2010), Carla Akotirene (2018) e Ricardo Antunes (1999).

As questões que envolvem gênero na educação profissional e tecnológica

foram pensadas a partir dos trabalhos desenvolvidos por Gaudêncio Frigotto (2007), Marise Ramos (2011; 2014), Maria Ciavatta (2005), Karel Kosic (2002), Antonio Gramsci (2016) e Dermeval Saviani (2018). Os estudos desses/as intelectuais apontam que a formação crítica dos sujeitos e a própria formação profissional, realizada a partir de uma formação integral que tem o trabalho um princípio educativo, vai muito além de um aspecto instrumental e da qualificação técnica.

O texto que segue foi estruturado em quatro seções que tratam do aporte teórico e conceitual, do itinerário metodológico, da apresentação dos resultados da pesquisa de campo (diagnóstico) e, por fim, da descrição do produto educacional desenvolvido. Desse modo, a seção 2 trata do aporte teórico e embasa a investigação ao tratar de conceitos como gênero, divisão sexual do trabalho e as relações entre Educação Profissional e Tecnológica e o ensino de Gênero. A Seção 3 apresenta o itinerário metodológico que a investigação percorreu. Nela, é situado o *lócus* da pesquisa, os sujeitos participantes e descritos os instrumentos de coleta e análise dos dados que serviram de base para o trabalho. Na seção 4 são apresentados e analisados os resultados colhidos durante a investigação sobre as percepções dos sujeitos que participam dos processos formativos de profissionais técnicos de nível médio, sendo eles docentes, discentes e técnicos administrativos. Por fim, a quinta apresenta o Produto Educacional desenvolvido. Nela, discutiu-se as possibilidades didáticas que uma exposição pode oferecer para o ensino da temática gênero e, por meio do guia proposto, são pontuadas algumas orientações para a montagem de exposições educativas em meio escolar.

Como é característico dos Mestrados Profissionais, e neste caso em um Programa de Pós-Graduação da área do ensino, foi desenvolvido um Produto Educacional que oferece orientações práticas e teóricas para a montagem de exposições escolares tendo como foco a temática gênero e trabalho. A escolha deste veículo educativo (as exposições) é decorrente do fato de que ela permite a diferentes tipos de profissionais do campo da EPT trabalhar temas que podem ou não fazer parte dos currículos escolares, sejam eles docentes das áreas técnicas ou da formação geral de cursos técnicos ofertados na forma integrada ou subsequente, sejam eles profissionais Técnicos administrativos em educação integrantes das equipes técnicas dos *Campi*.

Espera-se que a pesquisa realizada e o Produto Educacional desenvolvido possam contribuir para o avanço das pesquisas no campo do ensino e na

compreensão do modo como os profissionais do campo da EPT e as/os estudantes dos cursos técnicos de nível médio pensam a temática gênero e de como as formas individuais e subjetivas incidem sobre os processos formativos das novas gerações de profissionais. Espera-se, desse modo, contribuir para que sejam pensadas práticas educativas que, por meio da relação entre gênero e trabalho, criem espaços e oportunidades de contato com o tema, de modo que as práticas de ensino contribuam em alguma medida para diminuição das desigualdades de gênero que, manifestas no mundo do trabalho, têm marcado profundamente a existência de homens e mulheres no decorrer da história.

2 REFERENCIAL TEÓRICO - GÊNERO, TRABALHO E ENSINO: PRÁXIS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

2.1. Gênero e trabalho: fundamentos teóricos

2.1.1 A polissemia do conceito de gênero

Gênero é uma palavra cujo sentido varia de acordo com os objetivos do sujeito que a enuncia, ela é aplicada com diferentes objetivos, a depender daquilo que se deseja expressar em determinado contexto e do objetivo a ser alcançado com a sua utilização. Ela possui um campo semântico que, a depender do tipo de interação e situação comunicacional almejada, a polissemia do termo se faz presente e interage com o intuito que se deseja alcançar por meio uma determinada formulação ensajada por um indivíduo ou grupo social.

Essa mesma apropriação de sentido presente na polissemia aproxima o termo gênero da noção de ideologia . A ideologia, entendida sob o ponto de vista de Marilena de Souza Chauí, é “um corpus de representações e de normas que fixam e prescrevem de antemão o que se deve e como se deve pensar, agir e sentir” (CHAUÍ, 2016, p. 247). Para a autora, a ideologia tem como objetivo produzir uma universalidade imaginária a partir de uma determinada classe hegemônica.

Diante do sentido polissêmico da palavra gênero, o sistema patriarcal se apropria desse conceito para perpetuar a ordem opressora de poder que a sua ideologia dissemina no meio social.

[...] o conceito de gênero carrega uma dose apleciável de ideologia. E qual é esta ideologia? Exatamente a patriarcal, forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas de convivência humana. E a esta estrutura de poder e não apenas a ideologia que acoberta, que o conceito de patriarcado diz respeito. Desta sorte, trata-se de conceito crescentemente preciso, que prescinde das numerosas confusões de que tem sido alvo (SAFFIOT, 2015, p. 145-146).

Também afirma que não são apenas as ideologias que comungam, atuam sobre esses agentes sociais subjugados. Mas para um sistema opressor se impor ele se apropria de múltiplas tecnologias sociais de gênero, de raça/etnia e de classe social

(SAFFIOTI, 2015). Esse pensamento quanto às múltiplas tecnologias de gênero também está presente no artigo da pesquisadora Lauretis (1994). Para a autora as tecnologias de gênero são “os efeitos e as auto-representações produzidas no sujeito pelas práticas, discursos e instituições socioculturais dedicados à produção de homens e mulheres” (LAURETIS, 1994, p. 229). Dessa forma, as instituições sociais utilizam-se dessas tecnologias sociais como epistemologias, práticas críticas institucionalizadas e práticas da vida cotidiana para manter e perpetuar as concepções hegemônica e heteronormativas do feminino e masculino. Além do cinema, trabalhado por Lauretis (1994), podemos citar também como tecnologias de gênero a televisão, a internet, os jornais e rádio. Todavia, esses mesmos meios são aliados para a desconstrução das concepções hegemônicas de sociedade.

Os primeiros registros do termo gênero, diferentemente da concepção gramatical, remonta ao século XX com as feministas anglo-saxãs, conforme escreve (SCOTT, 1995). Estas reflexões levantam o debate quanto aos estudos de gênero, as diferenças ocorridas nas relações de gênero ao longo do tempo, da história. Com isso, as diferentes formas de definição e compreensão das perspectivas de feminilidade e masculinidade existentes na sociedade se tornam um tema para os estudos sobre as mulheres, com o objetivo de dar visibilidade ao seu papel como sujeito histórico e social.

Para Scott (1995), a princípio, o termo gênero era utilizado para uma espécie de organização social e posteriormente passou a ter uma concepção de caráter social e histórico ao não aceitar o determinismo da diferença sexual do caráter biológico ou legitimar os arranjos sociais hierarquizados pelo sexo. Corrobora desse conceito Guacira Louro, a qual escreve que

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (LOURO, 1997, p. 21).

Ao conceber gênero, Butler (2015) o define como um ato performativo e não a uma única construção identitária, uma vez que o gênero pode performar variadas

formas em variadas e distintas situações. Foi a partir dessa percepção de estrutura que Butler desenvolveu a sua teoria da performatividade. A autora afirma que as normas sociais, ao mesmo tempo que regulam e atuam nas construções de gênero, excluem ou não essas categorias/sujeitos da vida política.

Uma análise dessa relação de poder é encontrada em Pierre Bourdieu (2002), ao afirmar que as estruturas de dominação estão presentes e permanecem por meio das mudanças contínuas. Assim, para ele a subversão da norma tem que ser um ato duradouro das práticas cotidianas. Para Butler a mudança da hegemonia nas relações de poder está em subverter a norma, o gênero por meio da performatividade e de práticas cotidianas que produzam novas narrativas.

Ao estudar o conceito de gênero proposto por Butler, Coelho (2015) afirma que ela pensa o feminismo na contemporaneidade na defesa de um indivíduo que se constrói com base em diferentes fatores e identidades.

Se alguém 'é' uma mulher, isso certamente não é tudo que o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da "pessoa" transcendam a parafernália específica do gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira conforme ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituída. Resulta que se tornou impossível separar a noção de "gênero" das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2015, p. 20).

Carla Akotirene (2018) se aprofunda no tema da interseccionalidade, sob o ponto de vista racial, a partir dos estudos da intelectual afro-estadunidense Kimberlé Williams Crenshaw que criou a teoria da interseccionalidade como conceito da crítica da raça, nos anos de 1980, e que deu ênfase a política feminista promovida por mulheres negras, uma política de atravessamento das opressões relativas a gênero, raça, classe e outros eixos. De acordo com Akotirene (2018), esse conceito foi pensado por feministas negras ao não serem representadas no feminismo branco e nem pelo movimento antirracista que tinha o homem negro como foco.

A sexualidade, imbricada nas relações de poder, diante do exposto, é vista como algo que é inerente ao ser humano, é dada pela natureza. Dessa forma, pressupõe-se que a concepção de corpo e sexualidade escamoteia os processos culturais e plurais uma vez que as formas de expressar os prazeres, contidos na sexualidade,

estão socialmente estabelecidos e codificados. Assim, as identidades de gênero, sexuais e, também, as de raça, de classe, dentre outros são constituídas e definidas por relações sociais, pelas redes de poder de uma dada sociedade. Conforme Louro (2000),

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens possuímos “naturalmente”. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo “dado” pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções. Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção e corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas (...) As identidades de gênero e sexuais são portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2000, p. 6).

Ao reivindicar a não invisibilidade do papel da mulher na sociedade, torna-se prioritário falar sobre igualdade e diferença. No sentido que igualdade social e política, que é um direito de todos, de acordo com a Constituição Federal Brasileira de 1988 em seu artigo 5º, parágrafo I, que deve pertencer a todos. Assim cabe compreender que existe uma desigualdade articulada e desenvolvida não só institucionalmente, mas em diferentes ramos da sociedade. Em relação a oposição homem/mulher na sociedade, essa condição é construída de forma a não ser questionada, uma vez que essa relação de poder é entendida como natural.

Ao recorrer a Scott (2005), Louro afirmou que estudar as relações de gênero é primordial para compreender, dentre vários outros motivos, como as relações de poder são institucionalizadas, produzidas e reproduzidas a partir das relações de gêneros. Ela afirma que “[...] a noção política de igualdade pressupõe a diferença, já que não teria sentido em buscar ou reivindicar a igualdade para sujeitos que fossem idênticos, ou os mesmos” (LOURO, 1995, p.16).

Joan Scott (2005, p. 5) discute o conceito de igualdade como um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente e afirma que ela não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento e a decisão de ignorá-la ou

de levá-la em consideração. Percorrer esse caminho de reivindicações de direitos e visibilidade foi e é uma luta diária, a qual teve início, de forma mais abrangente e com maior dimensão, com o movimento feminista organizado, a partir do século dezenove, na Europa e nos Estados Unidos. Enquanto movimento sistematizado, buscou superar o autoritarismo das organizações tradicionais da sociedade.

No Brasil, de acordo com Jardim Pinto (2003) o feminismo se fez presente na sociedade brasileira a partir de 1920, apesar da existência de conjuntos de manifestações desde o século XIX, e terá como primeira fase “o foco da luta das mulheres por direitos políticos, mediante a participação eleitoral como candidatas e eleitoras”. No entanto, sem haver um questionamento ou alteração quanto as relações de gênero, raça e classe social, uma vez que os direitos das mulheres negras e indígenas não eram centralidade do movimento. Esse movimento concernente às questões culturais das desigualdades ocorrerá a partir dos anos sessenta ao questionar-se a predestinação das mulheres e homens calcados em fatores biológicos.

As concepções de gênero produzidas e adotadas pelos sujeitos se apresentam de modos diferentes entre as sociedades, os momentos históricos, e no interior de uma mesma sociedade, ao se considerar os diferentes grupos que a constituem. Diante dessa realidade, a relevância do estudo de gênero na sociedade, no Brasil em especial, realiza-se como uma questão de interesse crescente no espaço acadêmico. Contudo, ainda são recorrentes em estudos publicados, a dificuldade em trabalhar com a diversidade de gênero no espaço escolar.

2.1.2. Gênero e trabalho: a divisão sexual do trabalho

De acordo com o estudo de Guiginski e Wajnman (2015), ao tratar da desigualdade de gênero é imperativo traçar algumas considerações a respeito da divisão sexual do trabalho, seja o trabalho remunerado, ou não remunerado – que se realiza dentro do ambiente doméstico. Para as autoras, seguindo a esteira de Helena Hirata (2007) e Danièle Kergoat (1994), reconhece-se, de modo geral, que as atividades produtivas e as funções com maior valor social fazem parte de um espaço prioritariamente masculino. Vera Soares (2005) afirma que apesar do aumento da participação feminina no mundo do trabalho, a equidade equiparada ao ser masculino está distante de se alcançar, uma vez que, os vínculos empregatícios são mais frágeis

e se apresentam em condições mais desfavoráveis.

Essa temática está presente em Ricardo Antunes (1999, p. 105-111) o qual enfatiza que o capital, ao incorporar o trabalho feminino de modo desigual e diferenciado em sua divisão social e sexual do trabalho, precariza com intensidade maior o trabalho das mulheres. Isso tudo se refletirá em menores salários, direitos e condições de trabalho. Para o autor, esse modo de reprodução do trabalho reverbera no cotidiano doméstico.

É importante destacar, diante do exposto, que a divisão sexual do trabalho leva ao trabalho remunerado e não remunerado. Para esse trabalho remunerado se manter é indispensável o aporte do trabalho doméstico e de cuidados, os quais não são pagos. “Em todas as sociedades contemporâneas sobre as quais temos estatísticas, as mulheres realizam a maioria das tarefas domésticas de limpeza, costura, cuidados com crianças [...]” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 33).

De acordo com Danièle Kergoat (2009), essa divisão historicamente adaptada, implica em cada sociedade patriarcal, a destinação prioritária dos homens a esfera produtiva – ligadas a função de forte valor social, como às políticas, religiosas, dentre outras - na sociedade, e das mulheres à esfera reprodutiva. Ao estabelecer esses critérios de trabalhos de homens e trabalhos de mulheres, também, se estabelece uma relação de poder dos homens sobre as mulheres. Conforme escreve Kergoat (2009), esses princípios “podem ser aplicados graças a um processo específico de legitimação – a ideologia naturalista -, que relega a gênero ao sexo biológico e reduz as práticas sociais a ‘papéis sociais sexuais’, os quais remetem ao destino natural da espécie (KERGOAT, 2009).

Esses trabalhos “não produtivos”, além de não serem remunerados, não são vistos e, muito menos, reconhecidos como trabalhos relevantes e indispensáveis na sociedade. Assim, essa divisão entre trabalho produtivo e trabalho doméstico reprodutivo não pago se reflete em outras áreas sociais. Dentre essas a educacional, pois, as mulheres e meninas além de fazerem os trabalhos domésticos e de cuidados não pagos, muitas delas, também fazem o trabalho considerado produtivo e escolar.

Por conseguinte, é oportuno acrescentar às observações de Antunes (1999), bem como o conceito de intersecção proposto por Carla Akotirene (2018) em seus estudos sobre o feminismo negro. Carla Akotirene (2018) chama atenção para o fato de que na organização do mundo do trabalho, a questão racial está mais relacionada à precarização do trabalho do que aquela de classe e de gênero. Segundo a

autora, por exemplo, as oportunidades de acesso aos direitos sociais são mais precárias quando observadas do ponto de vista da questão racial. Elas se intensificam e se ampliam quando analisamos a problemática decorrente das questões de gênero observando a questão racial. Ou seja, fazendo o caminho inverso, a precarização do trabalho se intensifica quando observamos a questão de gênero a partir do tema racial como pode ser visto na obra da autora:

Recomenda-se pela interseccionalidade, a articulação das clivagens identitárias, repetidas vezes reposicionadas pelos negros, mulheres, deficientes, para finalmente defender a identidade política contra a matriz de opressão colonialista, que sobrevive graças às engrenagens do racismo cisheteropatriarcal capitalista. Sendo assim, não apenas o racismo precisa ser encarado como um problema das feministas brancas mas também o capacitismo como problema das feministas negras. Cada vez que ignoramos as mulheres que vivem as condições de marcas físicas ou gerada das opressões modernas coloniais: sofrendo o racismo por serem negras, discriminadas por serem deficientes. Portanto, na heterogeneidade de opressões conectadas pela modernidade, afasta-se a perspectiva de hierarquizar sofrimento, visto que todo sofrimento está interceptado pelas estruturas (AKOTIRENE, 2018, p. 31).

Nesse contexto, falar em gênero é ouvir e respeitar a voz dos grupos que historicamente foram excluídos do protagonismo, seja na vida escolar ou na sociedade em geral. Nessa perspectiva, Costa (2004, p. 10) alude acerca do processo de invisibilidade, como uma “espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens”, isto é, ao discriminar as pessoas por seu gênero, sua sexualidade, estamos tornando-as invisíveis no processo de socialização e desenvolvimento interpessoal.

A inclusão da equidade de gênero, como política pública, é resultado de um longo processo social e político em diversos cenários com a participação de diferentes atores e atrizes, conforme escreve (GUZMÁN, 2000). Visto que as identidades sexuais não são apenas construídas em apenas dois polos em oposição binária: masculino e feminino, mas sim em um pluralismo de feminilidades e masculinidades, uma vez que elas são construídas nas e pelas relações sociais que se baseiam nas diferenças relativas ao sexo.

No Brasil, a partir do ano de 1990, o conceito de gênero assumiu status acadêmico, e, é crescente às pesquisas nessa área. Porém, a depender da ideologia adotada na metodologia e na teoria política, esse conceito recebe diferentes usos.

Para Scott (1995) o termo gênero era empregado até meados da década de 1990 como sinônimo de mulheres e, adotado nesse sentido, o conceito era despolitizado, sem representar um compromisso histórico com a transformação das desigualdades.

Por ser no campo social que se constroem e se reproduzem as relações de desigualdades entre os sujeitos, as justificativas para as desigualdades não deveriam ser buscadas apenas nas diferenças biológicas, mas nas sociais, nas histórias, nas condições de acesso aos recursos das sociedades, nas formas de representações (LOURO, 1997). O sujeito se constitui nas e pelas práticas sociais. Nesse sentido, Manacorda (2010) afirma, utilizando-se para isso do pensamento de Marx, que a realidade objetiva é histórica e para explicá-la cabe revelar sua dimensão diacrônica (ocorrida ao longo do tempo), permitindo, assim, observar essa realidade como processo em desenvolvimento.

2.2. Gênero e trabalho: desdobramentos na Educação Profissional e Tecnológica - EPT

2.2.1. A Educação Profissional e Tecnológica e o ensino de Gênero

Pensar em liberdade do ser humano é poder oportunizar a esse sujeito a constituição crítica de suas identidades frente a uma sociedade cindida por meio da ideologia dominante. Para Frigotto (2007), é no interior da sociedade capitalista que essas conexões ideológicas são criadas de forma linear ou invertidas e que mascaram as relações assimétricas de poder e os mecanismos que as estruturam, produzem e que mantêm as desigualdades em: religiões, nações, classes ou grupos sociais. Nesse sentido, o ser humano não é resultado apenas de consciência e intenções, mas, sim, uma síntese de múltiplas determinações objetivas que são mediadas pela consciência e ação humana (KOSIC, 2002).

A origem do termo integrar reporta-se à concepção de um ser integral pertencente a educação socialista, voltada para a construção de um indivíduo constituído em todas as áreas cultural, científica, entre outras. De acordo com Ciavatta (2005),

A formação integrada sugere tornar íntegro, inteiro, o ser humano dividido pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a

ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico tecnológica e na sua apropriação histórico-social. Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. Formação que, neste sentido, supõe a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos (CIAVATTA, 2005, p. 2-3).

A Lei nº 9.394/96 – de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – em seu Art. 39 define a Educação Profissional e Tecnológica – EPT,¹ como uma modalidade educacional integrada com os diferentes níveis e modalidade da Educação – a modalidade da educação de jovens e adultos, em caráter preferencial; a educação básica no nível do Ensino Médio, na forma articulada de oferta (integrada, concomitante ou intercomplementar – concomitante na forma e integrado no conteúdo) e na forma subsequente; de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação. A EPT tem como finalidade primordial a preparação para o exercício de profissões baseado nas dimensões do trabalho, da ciência e tecnologia para inserção e atuação do discente na sociedade e no mundo do trabalho.

Diante do exposto, busca-se, com a EPT, em especial nesse estudo, com o Curso Técnico Subsequente, a superação da preparação para o trabalho, para a vida, a apenas um aspecto operacional, distante dos conhecimento científico- tecnológico. Para Ramos (2011), quando assumimos o trabalho como princípio educativo, que é a mediação de primeira ordem que o ser humano faz entre ele o meio ambiente, as estratégias pedagógicas criam possibilidades para que esse indivíduo compreendam os entrelaçamentos existentes do processo cultural, social, da ciência e da tecnologia que são mediados pelo trabalho durante o processo histórico.

A Instituição Escolar, tendo em vista os fatos apresentados, não se faz isoladamente, ela é instituída a partir de uma concepção histórica, política e ideológica da sociedade. Louro (1997) faz essa afirmação ao conceber que, inicialmente, a escola teve sua constituição para atender, receber alguns, mas aos poucos ela foi requisitada por aqueles a quem ela tinha sido negada. Esses grupos trouxeram transformações a essa instituição. Assim, ela precisou ser diversa na sua organização, currículo,

1 A partir deste ponto utilizar-se-á a abreviatura (EPT) para referir-se a Educação Profissional e Tecnológica.

docentes, regulamentos, prédios e avaliações. Mas, esses objetivos visavam implicitamente garantir e conseqüentemente, reproduzir as diferenças entre os sujeitos. Para Saviani (2018), o processo educativo que tem como horizonte um projeto societário democrático, vislumbra a passagem da desigualdade à igualdade por meio do ato democrático que deve ocorrer por meio da mediação da educação articulada à prática social global. Conforme Saviani,

O processo educativo é passagem da desigualdade à igualdade. Portanto só é possível considerar o processo educativo em seu conjunto como democrático sob a condição de se distinguir a democracia como possibilidade no ponto de partida e a democracia como realidade no ponto de chegada. Conseqüentemente, aqui também vale o aforismo: democracia é uma conquista; não é um dado. Este ponto, porém, é de fundamental importância. Com efeito, assim como a afirmação das condições de igualdade como uma realidade no ponto de partida torna inútil o processo educativo, também a negação dessas condições como uma possibilidade no ponto de chegada inviabiliza o trabalho pedagógico. Isto porque, se eu não admito que a desigualdade é uma igualdade possível, ou seja, se eu não acredito que a desigualdade pode ser convertida em igualdade pela mediação da educação (obviamente não em termos isolados, mas articulada com as demais modalidades que configuram a prática social global), então, não vale a pena desencadear a ação pedagógica (SAVIANI, 2018, p. 130).

Nesse sentido, os estudos relacionados a gênero visam contribuir de forma significativa, no ambiente escolar, na construção de uma formação equitativa não apenas para o mercado, mas na construção de cidadãos que possam transformar a si mesmos e a sociedade hegemônica em que vivem.

No que diz respeito a EPT, Souza e Neto (2019) esboçam considerações epistemológicas em relação às questões de gênero no contexto da produção científica da EPT e constatou que, apesar de crescente os estudos na área de gênero no Brasil, a produção científica na EPT, nessa área, ainda é escassa uma vez que dos 642 trabalhos de pós-graduação *stricto sensu* defendidos entre 2008 e 2019 sobre gênero na Educação no Brasil, apenas 09 se referiam ao assunto na EPT. Destacaram ainda como a desigualdade entre homens e mulheres pode ser reforçada por meio de estereótipos e preconceitos como a divisão de tarefas, a expectativa criada pela sociedade com base em uma suposta natureza biológica masculina ou feminina, a segmentação do mercado de trabalho.

2.2.2. Os desdobramentos da divisão sexual do trabalho na EPT

Para Frigotto (2012), a formação é uma concepção que leva em conta as dimensões que constituem a especificidade do ser humano, as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico. Essas dimensões “envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico” (FRIGOTTO, 2012, p. 267). Assim, para que ocorra a formação omnilateral é necessário que seja uma formação em todos os sentidos, todas as dimensões do sujeito.

Os Cursos Técnicos Subsequentes nascem a partir de variados conjuntos de reformas e legislações da década de noventa, culminando com a Lei nº 11.892/2008 – que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT) como objetivo de articular o ensino médio e a educação profissional de forma integrada, mas sem se pensar em uma formação omnilateral a princípio. Porém, de acordo com Ramos (2011), educadores da época recuperam fundamentos filosóficos, epistemológicos e pedagógicos quanto a concepção de educação politécnica e omnilateral.

Conforme Gramsci, a educação unitária pressupõe que todos tenham acesso aos diversos conhecimentos como: a cultura, as mediações que são necessárias para que se possa trabalhar e, conseqüentemente, produzir a existência e a riqueza social. Essa concepção de educação irá expressar o princípio da educação como direito dos sujeitos.

Não é a aquisição de capacidades de direção, não é a tendência a formar homens superiores que dá a marca social de um tipo de escola próprio, destinado a perpetuar nestes estratos uma determinada função tradicional, dirigente ou instrumental. Se se quer destruir essa trama, portanto, deve-se não multiplicar e hierarquizar os tipos de escola profissional, mas criar um tipo único de escola preparatória (primária-média) que conduza o jovem até os umbrais da escolha profissional, formando-o, como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige (GRAMSCI, 2016, p. 46).

E, é baseando-se nesse princípio de educação como direito de todos que os currículos devem ser elaborados a partir de uma relação entre partes e totalidades para que, assim, possa-se desenvolver um processo de ensino-aprendizagem

pautado na construção de saberes, significativos, para um pleno desenvolvimento quanto pessoa cidadã. E que as disciplinas escolares, a partir desses conceitos, possam ressignificar composição de conceitos já postos. Essa ressignificação se dará pela interdisciplinaridade entre as disciplinas de formação geral e as disciplinas técnicas (RAMOS, 2011). Segundo a pesquisadora,

A interdisciplinaridade, como método, e a reconstituição da totalidade pela relação entre os conceitos originados a partir de distintos recortes da realidade; isto é, dos diversos campos da ciência representados em disciplinas. Isto tem como objetivo possibilitar a compreensão do significado dos conceitos, das razões e dos métodos pelos quais se pode conhecer o real e apropriá-lo em seu potencial para o ser humano (RAMOS, 2011, p. 776).

Diante dessa realidade, busca-se que os sujeitos sejam inseridos em um ambiente onde a cultura, a ciência e o trabalho devem estar integrados no currículo escolar. Para que assim possam formar condições sociais para um desenvolvimento que seja capaz de mudar o cenário hegemônico atual.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente capítulo tem por objetivo situar o leitor acerca do método de pesquisa e das opções metodológicas seguidas no presente trabalho, com a descrição de todas as etapas executadas durante a realização do estudo, o lócus da pesquisa, os sujeitos da pesquisa, as técnicas utilizadas e os instrumentos de coleta de dados que serviram de base para elaboração da dissertação e a construção do Produto Educacional.

Conforme já foi sinalizado na seção introdutória, a metodologia utilizada foi o da pesquisa-ação, embasada, epistemologicamente, pela pesquisa qualitativa com cunho colaborativo, uma vez que fez uma análise relativa aos conteúdos construídos e elaborados, durante o processo investigativo, por discentes, docentes e técnicos administrativos, quanto às relações de gênero na EPT. Esse estudo está de acordo com o que propõe Thiollent (2011, p. 51), posto que os atores serão considerados porque a investigação valorativamente se insere em uma política de transformação da realidade material da vida dos/as participantes. Nesse contexto, o método da Pesquisa-ação é estratégico para o desenvolvimento pessoal e profissional de professores/as e pesquisadores/as, que utilizam suas investigações no aprimoramento do processo ensino-aprendizagem, escreve (TRIPP, 2005, p. 445).

Esse tipo de abordagem, que visa a reflexão dialética dos sujeitos envolvidos, é fundamental no decurso do ensino-aprendizagem, como destaca Tripp (2005). Pois, é por meio dessa ação que os sujeitos participam das interpretações das suas realidades observadas e das deliberações das ações transformadoras, ao mesmo tempo em que recebem os resultados da pesquisa e podem, de forma consciente, tomar decisões relativas à vida em sociedade. Nesse contexto,

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas [...] que consiste em organizar a investigação em torno da concepção, do desenrolar e da avaliação de uma ação planejada [...] necessária para que haja reciprocidade por parte das pessoas e grupos implicados nesta situação (THIOLLENT, 2011, p. 21).

Portanto, a pesquisa-ação é um caminho que se trilha de forma compartilhada; pesquisador/a e pesquisados/as são sujeitos igualmente ativos no processo de construção do conhecimento e na busca pelas soluções possíveis, ante às

problemáticas detectadas. Diante do exposto, foi traçado um plano de trabalho, isto é, dez caminhos que compuseram nosso percurso metodológico na presente pesquisa, a saber:

- 1) A primeira etapa do estudo concentrou-se na revisão de literatura, pesquisa bibliográfica, redação e revisão de projeto, elaboração de termos e produção de questionários destinados ao público participante docente e técnicos administrativos;
- 2) Na sequência procedeu-se o cadastro do Projeto de Pesquisa na Plataforma Brasil em atendimento aos requisitos do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP;
- 3) O passo seguinte foi tornar ciente a direção do Campus, o setor pedagógico, no caso, as coordenações dos cursos A e B, da realização da pesquisa; foram convidadas a conhecer e permitir a pesquisa naquele ambiente;
- 4) Em sequência, obteve-se a aprovação para realização da pesquisa junto ao Comitê de Ética da Ufal;
- 5) Após aprovação do comitê de ética, os sujeitos participantes foram informados sobre o conteúdo da pesquisa e convidados a participarem da mesma;
- 6) No mês de fevereiro de 2021 foram escolhidos os instrumentos metodológicos e sua preparação para realização da pesquisa com os discentes: rodas de conversas com uma turma do curso A e com uma turma do curso B;
- 7) No mês de outubro de 2021 foi definido o Produto Educacional a ser apresentado como resultado do estudo: um Guia que possa servir de base para orientar uma Exposição sobre as relações de gênero e trabalho na EPT, mais especificamente nos cursos na forma subsequente;
- 8) Ademais, foi realizado, pela pesquisadora, um curso online sobre exposição intitulado: Para fazer uma exposição – com carga horária de 20 horas, ofertado pela Escola Nacional de Administração Pública – Enap;
- 9) As rodas de conversas junto aos estudantes dos referidos cursos, participantes do estudo, ocorreram entre os meses de março e abril de 2021;
- 10) A etapa final da pesquisa, com a escrita do texto dissertativo e a elaboração do Produto Educacional.

3.1. Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada em um *Campus* do Ifal. O mesmo está localizado na região metropolitana de Maceió, capital do Estado de Alagoas. O Campus recebeu o nome em homenagem ao bairro no qual se situa. Com uma população estimada em 88.084 mil habitantes (IBGE, 2010), o bairro, que é relativamente novo, foi construído em 1986 como conjunto residencial e atualmente é o maior bairro da capital, com uma área de 24,627 km e com um perímetro urbano de 26.731,15 metros.

O *Campus* oferece cursos técnicos, na modalidade subsequente, os Cursos de Técnicos A e B. O primeiro curso a ser implantado, em 2017, e de acordo com o Plano Político do Curso (PPC), ele nasceu com a possibilidade de colaborar com a dinâmica social, econômica, pedagógica e cultural dessa região, com o objetivo de promover alterações significativas no modo de vida da população, ressignificando as relações de saberes e, com isso, as relações sociais, culturais, éticas e estéticas que se reconfiguram no nosso cenário.

Conforme o PPC do curso, em 2018 o Campus passou a ofertar também o Curso Técnico Subsequente [...], em que a

[...] oferta desse curso, além de compatibilizar com a realidade da área de saúde do Estado de Alagoas, representa uma grande oportunidade e alternativa profissional promissora para os jovens de Maceió e adjacências, particularmente no bairro [...] um dos mais populosos da capital alagoana, que estão em busca de uma qualificação que lhes garanta inserir-se no setor produtivo proporcionando melhor qualidade de vida. O curso técnico de nível médio [...], na modalidade subsequente, tem como objetivo formar profissionais técnicos de nível médio, fornecendo-lhes instrumentos que os qualifiquem para atender as solicitações da área de saúde, formando profissionais com competência técnica, ética e social, bem como com uma visão humanística, atuando de acordo com a Lei n.º 7.498/86, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre a regulamentação do exercício [profissional] e dá outras providências e no Decreto n.º 94.406 de 08 de junho de 1987 (IFAL, 2017, p. 25).

O processo seletivo público para a entrada nos referidos cursos, até 2019, foi realizado, por meio de duas chamadas semestrais, por edital, ao ano. O exame é realizado por meio de aplicação de provas objetivas aplicadas ao público jovem e adulto que concluíram, ou que concluiriam o ensino médio até a data da efetivação da matrícula. A partir de 2018, o Campus também passou a integrar um dos polos ofertantes do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica- ProfEPT. Em 2019

teve início a primeira pós-graduação em nível *lato sensu* denominada Especialização em Desenvolvimento Organizacional.

3.2. Participantes da pesquisa

A pesquisa tem como participantes a comunidade escolar do *Campus*, servidores, docentes e técnicos administrativos e discentes. A escolha pelo público discente do terceiro período se deu pelo fato deles já terem vivenciado e passado pelo impacto inicial de entrada na instituição. Portanto, já possuem uma vivência, e acredita-se que uma certa maturidade em relação à cultura escolar no lócus da pesquisa.

A escolha pelos docentes se deu por estarem diretamente ligados ao processo de ensino- aprendizagem com esse público. Que nas palavras de Paulo Freire (1996, p.14), por estarem ao lado do educando, nas condições de verdadeira aprendizagem, contribuem para que os educandos se transformem em reais sujeitos da construção e da reconstrução de saberes, uma vez que os dois são sujeitos do processo. Estes são a “ponte” entre os saberes oriundos das experiências dos/as estudantes e os conhecimentos acadêmicos. Já, a participação dos técnicos administrativos se justifica por sua colaboração no processo educativo uma vez que eles, em especial os técnicos educacionais, fazem o trabalho de práticas educativas que não estão diretamente ligadas à sala de aula, mas que fazem parte da instituição escolar como ação educativa. Portanto, esse público tem um papel fundamental para o processo de formação dos sujeitos.

3.3. Instrumentos de coleta e análise dos dados

A pesquisa emprega como instrumentos de coleta de dados aplicado aos docentes e técnicos administrativos questionários semiestruturados, tanto na etapa de diagnóstico situacional como na avaliação do produto; com os discentes, optou-se por utilizar-se de rodas de conversas. Na etapa de diagnóstico, os questionários semiestruturados, com nove questões – para os docentes – e dez questões para os técnicos administrativos –, foram aplicados por meio de envio de questionário eletrônico, no formato do google forms, no período entre 01 de julho a 29 de julho de 2020, por e-mail, para os docentes do campus que estavam em sala de aula, sete

docentes do curso B, dez docentes do curso A e quinze técnicos administrativos lotados no campus.

Na etapa de avaliação do produto, foi encaminhado um questionário digital, juntamente com o arquivo do PE, para o e-mail dos 29 servidores técnicos administrativos e docentes dos cursos A e B da pesquisa. O formulário foi elaborado por meio do google forms, na versão gratuita, e continha quinze questões, sendo onze fechadas e cinco abertas, as quais versavam sobre o produto. O mesmo ficou disponível para avaliação durante o período de 19/04/2022 a 07/05 de 2022. As questões foram divididas em duas seções: a identificação do/a avaliador/a (categoria, idade e escolaridade e a avaliação do Guia para a Exposição.

Gil (2008, p.121) considera que o uso desse instrumento é essencial para que o/a pesquisador/a atinja os objetivos elencados para seu estudo. Para esse autor, as respostas provenientes dos questionários, indicarão se a pergunta de pesquisa foi respondida e se as hipóteses levantadas foram confirmadas ou refutadas. Portanto, as perguntas colocadas para os/as participantes via questionários devem possuir o máximo de clareza e objetividade.

Os questionários semiestruturados possuem questões fechadas e abertas, as quais proporcionam maior liberdade aos respondentes ao mesmo tempo que propicia ao pesquisador uma melhor tabulação dos dados da pesquisa. Esses instrumentos permitem registrar os acontecimentos simultâneos com sua ocorrência espontânea, possibilitando conhecer o fenômeno sem intermediários e evitando a ocorrência de distorção por parte dos informantes. Corrobora-se, dessa forma, com os objetivos da pesquisa nos Mestrados Profissionais da área de Ensino, pois, segundo Moreira, caracteriza-se por ser

[...] aplicada, descrevendo o desenvolvimento de processos ou produtos de natureza educacional, visando à melhoria do ensino na área específica, sugerindo-se fortemente que, em forma e conteúdo, este trabalho se constitua em material que possa ser utilizado por outros profissionais em suas ações (MOREIRA, 2004, p.134).

Nesse sentido, esse tipo de pesquisa busca ampliar os seus resultados para muito além dos muros da academia. Constitue-se também em recursos que podem auxiliar outros/as profissionais de ensino a melhorarem suas práticas a partir dos resultados apresentados pelos estudos.

A opção por realizar as rodas de conversas com os discentes se deu a partir de uma base construtivista, pois os discentes foram mobilizados, inicialmente, em atividade de fala e escuta para a construção das respostas que fariam parte da exposição. Esse instrumento metodológico ancora-se na pedagogia freireana e possui a capacidade de intercambiar saberes e experiências recíprocas, colaborando para uma maior aproximação entre os participantes e tem ainda a potência de desenvolver a empatia e o ato da escuta, bases essenciais no processo de ensino-aprendizagem. Ser construtivista é se opor ao modelo tradicional da aula seguida por exercícios de aplicação, um modelo em que a atividade vem primeiro: ao tentar resolver problemas, a mente do aluno mobiliza-se e constrói respostas, que são vias de acesso ao saber (CHARLOT, 2014, p. 57).

As rodas de conversas foram desenvolvidas a partir dessa proposta de ensino e pretendeu ser dividida, inicialmente, em duas rodas de conversa para o grupo do Curso A, duas para o grupo do Curso B, porém com o advento da pandemia de Covid-19 e a consequente suspensão das aulas no primeiro semestre do ano de 2020 e seu retorno de forma remota apenas no segundo semestre do corrente ano, só foi possível a ocorrência de uma roda de conversas, de forma remota por meio digital da plataforma gratuita de videoconferência do google meet, em cada um dos cursos referidos. Esse momento se deu entre os meses de março e abril de 2021 e contou com a presença de 19 estudantes, dos dois cursos.

O desenvolvimento dessa atividade com o grupo de discentes participantes do estudo teve início com uma conversa para esclarecer ao grupo alguns aspectos importantes pertinentes à pesquisa. Questões como: a importância dos/as mesmos para o desenvolvimento do estudo, o papel da pesquisa-ação, a garantia do anonimato dos/as participantes e as regras para o bom desenvolvimento da atividade, foram esclarecidos. Em seguida, a roda de conversas foi conduzida a partir de cinco questões norteadoras apresentadas ao público, para ser debatida. Essas questões versaram acerca da temática gênero e mundo do trabalho.

A pretensão com essas questões foi estabelecer um debate inicial sobre como esses/as alunos/as justificariam os casos de desigualdades de gênero na área profissional para mulheres e homens, o porquê dessa diferença e o que poderia ser realizado para que fosse possível diminuir, dá equidade a essas discrepâncias existentes entre os gêneros. Nesse sentido, a atividade das rodas de conversas proporcionou aos discentes uma reflexão sobre a relação de gênero e a sociedade

atual quanto ao papel da mulher nessa sociedade.

Já a análise dos dados, relativa aos questionários semiestruturados e às falas nas rodas de conversa, foi realizada pautada na técnica da Análise de Conteúdo, utilizando-se para essa finalidade a proposta de Laurence Bardin (2011, p. 31). A análise do conteúdo é concebida como um conjunto de instrumentos de cunho metodológico, em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. Essa técnica se constitui em um instrumento valioso para auxiliar o trabalho do/a pesquisador/a no processo de interpretação de dados relativos à pesquisa desenvolvida. Bardin (2011, p. 44), considera que, por meio dessa técnica é possível ao investigador “[...] saber aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. [...] a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 44). Cabe, portanto, ao pesquisador/a depurar aquilo que é colocado pelo participante em suas mensagens explícitas e implícitas.

4 PERCEPÇÕES SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NOS CURSOS A e B

Apresentaremos a seguir a organização e discussões dos resultados obtidos a partir da aplicação do questionário semiestruturado aos servidores docentes e técnicos administrativos do campus em 2020.

4.1 Avaliação diagnóstica: servidores técnicos administrativos e docentes do Campus

Na primeira fase da coleta de dados um questionário semiestruturado, no formato eletrônico, foi enviado aos e-mail dos 32 participantes, dos quais 29 confirmaram o recebimento e concordaram em participar dos estudos em um total de 90,625% de participação. Dos participantes, 13 são técnicos administrativos; 09 docentes do curso A e 07 docentes do Curso B. Entre os técnicos, dos 13 entrevistados, dois tem vinte e seis anos de experiência. Seis participantes possuem mais de cinco anos de experiência, os outros têm menos de três anos.

A questão de n. 3 buscou apreender como cada participante definia gênero, a partir de sua própria experiência. As respostas encontradas, de modo geral, definem gênero a partir da divisão entre biológico e social. Dentre esse conjunto de respostas há aqueles que relacionaram gênero às questões gramaticais da Língua Portuguesa, como os participantes número 7, e 25 e aqueles que concebem gênero relacionado ao sexo e a sexualidade (participantes número 13, 17, 20, 23) conforme (Quadro 1):

Quadro 1. O conceito de gênero.

Participantes	Respostas
Part. n. 7	"Gênero: Conj. de seres ou objetos que possuem a mesma origem ou que se acham ligados pela similitude de uma ou mais particularidade".
Part. n. 25	"São pessoas ou objetos (conjunto) que possuem origem iguais".
Part. n. 13	"Creio que o gênero é uma maneira de classificação da sexualidade de um indivíduo ou de como ele se identifica perante a sociedade, podendo se identificar como homem ou mulher independente de sua natureza fisiológica".
Part. n. 17	"A definição como uma pessoa se define quanto ao sexo masculino ou feminino".

Part. n. 20	“Gênero é como o sujeito se identifica na sociedade/grupo em que está inserido. É como ele consegue se perceber diante de todas as possibilidades que podem revelar a sua sexualidade”.
Part. n. 23	“Creio que é a forma como/com quem a pessoa expressa seu interesse em relação ao sexo”.
Part. n. 29	“Não entendo muito o tema, mas acredito que seja uma concepção, ideologia recente da nossa sociedade sobre orientação sexual do indivíduo”.

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Dentre estas falas pode-se destacar a resposta do Part. n. 29 que afirma que “Não entendo muito o tema, mas acredito que seja uma concepção, ideologia recente da nossa sociedade sobre orientação sexual do indivíduo.” É necessário esclarecer que o termo gênero possui seus primeiros registros, diferentemente da concepção gramatical, a partir do século vinte com, as feministas anglo-saxãs (SCOTT, 1995).

Estas reflexões tinham como objetivo principal o debate quanto aos estudos de gênero, as diferenças ocorridas nas relações de gênero ao longo do tempo, da história. Com isso, as diferentes formas de definição e compreensão das perspectivas de feminilidade e masculinidade existentes na sociedade se tornam um tema para os estudos sobre as mulheres, com o objetivo de dar visibilidade ao seu papel como sujeito histórico e social. Porém, o que se visualiza ao longo da história é a utilização que o sistema patriarcal dá ao termo em uma tentativa de ligar o seu significado a uma ideologia referente à orientação sexual da pessoa em detrimento à relação de poder e desigualdade política na sociedade que o estudo sobre o tema gênero remete. A fala do participante n. 29 expõe bem o não conhecimento sobre o tema.

Uma outra questão indagou aos participantes da pesquisa se eles conseguiam diferenciar gênero e sexo. O grupo apresentou dois conjuntos de respostas mais ou menos homogêneas que, de modo geral, colaboram na constituição de uma espécie de senso comum: onde o sexo é identificado com questões biológicas e o gênero tanto com questões sociais e como com a sexualidade. As respostas dos participantes 04, 10, 18 e 25 expressam essa tendência, conforme apresenta o Quadro 2 abaixo:

Quadro 2. Diferenciação entre sexo e gênero.

Participantes	Respostas
Part. n. 4	"Gênero diz respeito à sexualidade, enquanto sexo refere-se à classificação fisiológica do indivíduo".
Part. n. 10	"Sexo está relacionado a genética - feminino ou masculino, gênero está relacionado as variações ao qual as pessoas podem ter conforme suas escolhas".
Part. n. 18	"Gênero se refere às construções sociais e sexo se refere às características biológicas".
Part. n. 25	"No meu ponto de vista, gênero se refere a origem social e sexo ao ponto de vista biológico".

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

No geral as respostas a essa questão apesar de apresentarem uma aproximação ao conceito filosófico-científico de gênero, apresentam uma mistura de conceitos entre os termos, há uma dificuldade em diferenciar gênero, sexo e sexualidade como pode ser visto na resposta do participante n. 4. De acordo com Louro (1997), na diferenciação dos termos é importante observar não exatamente os sexos, mas o que foi e é construído socialmente sobre os sexos e, assim, compreender os lugares e as relações de homens e mulheres na sociedade.

A questão seguinte, perguntou se os participantes já haviam percebido situações que envolvessem questões de gênero na rotina de trabalho (Tabela 1). A maioria respondeu que não. Veja abaixo:

Tabela 1. Percepção de situações que envolvem questões de gênero nas rotinas de trabalho.

Participantes	SIM		NÃO		TOTAL	
	Número	%	Número	%	Número	%
Técnicos Administrativos	4	31 %	9	56 %	13	45 %
Docentes – Curso A	7	54 %	2	13 %	9	31 %
Docentes – Curso B	2	15 %	5	31 %	7	24 %
TOTAL GERAL	13	100 %	16	100 %	29	100 %

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

O grupo dos professores do curso A apresentou o maior número de situações que envolvem problemáticas lidadas a questão de gênero nas rotinas laborais, ou

seja, que remetem tanto as atividades de gestão quanto as atividades ligadas ao ensino, pesquisa e extensão. No geral, a maior parte das respostas relatou algum tipo de situação que envolvia o período de “sala de aula”. É interessante notar que no grupo dos docentes do curso B o número de pessoas que acusam perceber situações ligadas às questões de gênero diminui em relação ao grupo de docentes de enfermagem e do grupo de técnicos administrativos. Deixando em aberto o questionamento se, é uma questão da percepção deste grupo de professores ou às relações sociais vividas pelos integrantes do curso B como um todo (docentes, discentes, técnicos, servidores terceirizados, etc.;). Também entre os técnicos o número é baixo. Essa tendência pode ser devido ao fato de que, na maior parte dos casos, os técnicos muitas vezes trabalham sós e ficam confinados ao ambiente de trabalho, sem uma interação maior com o movimento cotidiano do *Campus*. Conforme apresenta o Quadro 3 abaixo:

Quadro 3. Situações que envolvem questões de gênero no ambiente de trabalho.

Participantes	Respostas
Part. n. 18	“Algumas pessoas de um sexo se vestindo ou mesmo se posicionando como se fosse do sexo oposto”.
Part. n. 19	“Dificuldades de estudantes do sexo feminino se dedicarem aos estudos porque precisam desempenhar papel de mãe, esposa, trabalhadora e dona de casa sem a ajuda dos companheiros. Ou tendo que faltar a aula para cuidar dos pais idosos, pois é sua atribuição mesmo tendo um irmão que poderia compartilhar a tarefa”.

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Algumas respostas ilustram a forma como os entrevistados relatam essas situações ligadas às problemáticas da questão de gênero (Quadro 3). Entre as situações relatadas uma diz respeito ao modo de vestir e comportar-se do indivíduo que não estaria de acordo com a tipificação do sexo biológico. Podemos chamar a atenção para a resposta dada pelo/a participante n. 19 que bem ilustra os papéis sociais que são construídos ao que é tido como feminino e masculino na sociedade, como bem afirma Butler (2015) ao declarar que as normas sociais, ao mesmo tempo que regulam e atuam nas construções de gênero, excluem ou não essas categorias/sujeitos da vida política. Pois ao ter menos tempo para se dedicar aos estudos, devido à jornada de trabalhos domésticos e de cuidados, têm-se, dessa forma, como consequência a desigualdade relativa a gênero quanto ao tempo dedicado aos estudos, ao trabalho remunerado e não remunerado que as mulheres,

geralmente, possuem. “Em todas as sociedades contemporâneas sobre as quais temos estatísticas, as mulheres realizam a maioria das tarefas domésticas de limpeza, costura, cuidados com crianças (...)” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 33).

Os participantes foram questionados, ainda, se já haviam presenciado alguma situação que envolvia questões de gênero no seu setor de lotação. Assim, a investigação buscou sair do limite das atividades laborais para relações mais amplas (Tabela 2). Dentre os participantes apenas 07 disseram já ter presenciado alguma situação que envolvia questões de gênero no seu setor de lotação. Essa questão se difere da anterior na medida em que situa a problemática nas relações de trabalho, entre os pares, lotados no mesmo setor. Essa percepção é diferente daquela do servidor que observa os estudantes e identifica neles situações que qualificam como sendo ligadas às questões de gênero. Observe a Tabela 2:

Tabela 2. Situações ligadas à questão de Gênero percebidas no setor de lotação do servidor.

Participantes	SIM		NÃO		TOTAL	
	Número	%	Número	%	Número	%
Técnicos Administrativos	1	8 %	12	92 %	13	100 %
Docentes – Curso A	2	22 %	7	78 %	9	100 %
Docentes – Curso B	4	57 %	3	43 %	7	100 %
TOTAL GERAL	7		22		29	

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Dentre as respostas obtidas, para as situações que envolvem questões de gênero no setor de lotação, podemos apontar a fala dos sujeitos: 09 e 29. Os relatos indicam que ao mesmo tempo que existe, entre alguns discentes, a percepção da diferença de tratamento dispensada a mulher e ao homem, a partir das falas dos servidores, um determinado grupo de discentes afirma que a escola não é o ambiente para abordar essa temática. Observe o Quadro 4 abaixo:

Quadro 4. Situações que envolvem questões de gênero no setor de lotação.

Participantes	Respostas
Part. n. 9	“No dia das mulheres, 08/03, houve um debate em que alunos ficaram incomodados por terem que assistir uma palestra sobre as violências pelas quais as mulheres passam. Disseram que escola não é lugar para esse tipo de discussão”.
Part. n. 29	“O curso B é considerado por muitos uma área, predominantemente, masculina, e esse questionamento é frequentemente abordado pelos alunos. As mulheres reforçam as dificuldades de se inserir nesse ramo ao participarem de entrevistas, ou quando realizamos visitas técnicas em empresas e elas observam que a maior parte dos colaboradores são homens. Já os homens que corroboram com esse pensamento associam essa realidade ao fato das empresas buscarem profissionais que estejam aptos para serviços de gestão como também serviços operacionais que envolvam mais esforço físico”.

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

A Educação Profissional e Tecnológica tem como missão primordial o papel de formar cidadãos integrais, baseado em uma formação que prioriza a preparação para o exercício de profissões baseados nas dimensões do trabalho, da ciência e tecnologia para que o discente possa inserir-se e atuar na sociedade e no mundo do trabalho. Assim, o estudo sobre gênero é indispensável para que esse discente possa, quanto a formação integral, nas palavras de Ciavatta (2005), ter uma formação humana completa para a leitura do mundo e que essa educação possibilite a sua atuação como cidadão/a integrado dignamente a vida política da sociedade. Destarte, para que isso possa ocorrer é indispensável compreender as relações sociais implícitas a todos os fenômenos que ela possui e conhecer e compreender para desmistificar o que é gênero e como são construídas as relações de gênero é primordial para a formação omnilateral.

Dos 16 docentes participantes 13 afirmaram que é importante discutir gênero em sala de aula mesmo não sendo conteúdo específico da sua disciplina e apenas 03 disseram não ser importante. Observe o Quadro 5 a seguir:

Quadro 5. Sobre se é importante trabalhar questões de gênero em sala de aula, mesmo não sendo conteúdo específico do componente curricular.

Participantes	Respostas
Part. n. 26	“Sim, É uma questão muito importante que diz respeito à vida como um todo independente do curso. Precisamos formar além de técnicos, pessoas que respeitem as relações de gênero, a sexualidade das pessoas”.
Part. n. 27	“Não, Sou mais tradicional e tenho princípios e formação cristãs”.

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Sobre o tema, aos técnicos administrativos foi realizada a seguinte pergunta:

Você acha que é importante discutir gênero em sala de aula, mesmo não sendo conteúdo específico dos Cursos Técnicos Subsequentes A e B? Setenta e seis por cento das respostas foram positivas. Entre as justificativas referentes as posições em relação a presença ou não de conteúdos relacionados à questão de gênero nos cursos técnicos subsequentes de A e B podemos destacar duas respostas que mostram a tensão entre as duas posições. Veja Quadro 6:

Quadro 6. Sobre a presença ou não de temas relacionados às questões de gênero nos cursos técnicos subsequentes A e B.

Participantes	Respostas
Part. n. 7	“Não, Essa particularidade de escolha comportamental, não exige que essas pessoas sejam tratadas de forma diferenciada”.
Part. n. 11	“Sim, Porque é um tema muito delicado e muitas vezes as pessoas não têm acesso a este tipo de informação ou convívio no âmbito familiar. E como na Instituição geralmente há um grande fluxo de pessoas, entre alunos e funcionários, cabe a ela também a responsabilidade de formar melhores cidadãos e não apenas profissionais tecnicamente capacitados”.

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Para compreender a relevância dos estudos de gêneros nos cursos A e B, quanto em qualquer curso técnico subsequente, que é o foco do estudo, podemos citar a visão de Saviani (2018) ao ratificar que a educação, o processo educativo deve ter como objetivo principal a passagem da desigualdade à igualdade e que esse ato deve ser realizado por meio de uma mediação da educação articulada à prática social global. E que para isso ocorra, de acordo com o presente estudo, é necessário entender e colocar em prática, durante o processo da ação pedagógica que a escola realiza, os estudos relacionados a gênero.

O participante n. 11 chama a atenção para o fato da instituição escolar ter sob a sua responsabilidade a formação do sujeitos em seus aspectos não apenas tecnicamente capacitados, mas que esses estudantes possam receber uma formação humana que forme melhores cidadãos/ães. Essa formação humana perpassa, no ambiente escola que a Educação Profissional e Tecnológica propõe em sua legislação, pela formação humana integral

Ao ser realizada a seguinte pergunta aos participantes: Você acha que existe alguma relação entre o curso técnico B e o curso técnico A e as questões de gênero? Se sim, quais relações? Mais de vinte responderam que existia sim a relação entre os cursos e as questões relacionadas a gênero, apenas 08 dos 29 respondentes

disseram que não existia essa relação. É o que mostra a Tabela 3:

Tabela 3. Relação dos cursos técnicos A e B e as questões de gênero.

Participantes	SIM		NÃO		TOTAL	
	Número	%	Número	%	Número	%
Técnicos Administrativos	11	85 %	2	15 %	13	100 %
Docentes – Curso A	8	89 %	1	11 %	9	100 %
Docentes – Curso B	2	29 %	5	71 %	7	100 %
TOTAL GERAL	21		22		29	

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Das falas sobressai-se as dos sujeitos 12 e 28, conforme apresenta o Quadro 7 a seguir:

Quadro 7. Relação dos cursos técnicos A e B e as questões de gênero.

Participantes	Respostas
Part. n. 12	“Sim, pois as questões de gênero estão inerentes a toda a vida do indivíduo, desde a vida pessoal à profissional, independentemente do grau de atenção que ele dê ao assunto”.
Part. n. 28	“O sexo masculino é bem mais enfatizado nas palestras e nas exemplificações”.

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

As respostas obtidas referentes ao exercício da profissão de técnico A ser, geralmente, tida como feminina e a de B como masculina e a percepção que se tinha quanto às restrições para o exercício profissional do sexo oposto em cada uma das áreas foram bastante distanciadas em relação a cada categoria dos participantes (Tabela 4). Enquanto os técnicos administrativos apresentaram um percentual de 77% e os docentes de B um percentual de 86% afirmando que sim, há restrições para o sexo oposto, os docentes de A, com um percentual de 89% afirmaram não verem restrições para o exercício profissional por parte do denominado “sexo oposto”.

A ocupação dos postos de trabalho, o exercício da profissão relativas aos profissionais do curso de A, de acordo com as falas obtidas, apresentam um

percentual bem expressivo quando remetem aos docentes do curso de A. Para esses participantes, apesar do curso de A ser considerado pela sociedade como um curso voltado para o cuidado e por isso ser mais direcionado ao gênero feminino, o que se percebe é que quando o profissional é do gênero masculino não existe uma restrição a sua aceitação no ambiente laboral.

Ao enfatizar que o capital, ao incorporar o trabalho feminino de modo desigual e diferenciado em sua divisão social e sexual do trabalho, precariza com intensidade maior o trabalho das mulheres, de acordo com Antunes (1999, p. 105-111). O que se constata é que quando espaço laboral tido como feminino recebe uma pequena parcela do público masculino esse espaço é ocupado sem grandes questionamentos.

Essa reflexão é obtida na seguinte reflexão na fala do participante n. 12: O profissional de B do sexo masculino é bem mais citado e esperado para exercer essa profissão no ambiente laboral que o profissional do sexo feminino. O que demonstra que existe sim uma relação entre os cursos técnicos de A e o curso técnico em B e as questões de gênero. Observe a Tabela 4:

Tabela 4. Restrições profissional quanto ao sexo.

Participantes	SIM		NÃO		TOTAL	
	Número	%	Número	%	Número	%
Técnicos Administrativos	10	77 %	3	23 %	13	100 %
Docentes – Curso A	1	11 %	8	89 %	9	100 %
Docentes – Curso B	6	86 %	1	14 %	7	100 %
TOTAL GERAL	17		12		29	

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

As justificativas para tais posições podem ser apresentadas a partir da ponderação realizada pelos participantes de n. 8 e 13. De acordo com o Quadro 8:

Quadro 8. Sobre as restrições ao sexo oposto nos cursos de A e B.

Participantes	Respostas
Part. n. 08	“Justamente por conta dos papéis sociais. Por isso volto a importância desse tema ser tratado em sala de aula, so assim essa cultura poderá mudar”.

Part. n. 13	“Apesar da diminuição do pensamento em que certas profissões são para homens e outras para mulheres, este paradigma ainda existe muito, tanto por parte de quem contrata, como também das próprias pessoas que deixam de fazer um curso ou trabalhar em determinada área porque tem mais gente do sexo oposto e acham que não irão se enquadrar ali”.
-------------	---

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

As respostas obtidas durante o estudo com os servidores, de certa forma, reproduzem o que encontramos na sociedade. Podemos citar, por exemplo a contradição evidenciada em uma das falas, pois ao mesmo tempo em que se afirma que o assunto não pode ser ensinado na disciplina técnica, ele diz que outra pessoa poderia trabalhar. A questão para o participante é importante, mas o mesmo diz que o curso de B não tem relação com a questão de gênero.

Na segunda fase da coleta de dados realizada com os discentes de A e de B foram realizadas uma rodas de conversa, em 2021, respectivamente para cada curso.

4.2 Avaliação diagnóstica: rodas de conversa com discentes do campus

A participação discentes contou com um percentual de 10 participantes, dentre estes 07 alunas e 03 alunos com idades entre 19 e 41 anos. A roda de conversa foi intitulada: Diálogos sobre gênero e trabalho.

As rodas de conversas com os discentes dos Cursos Técnicos Subsequentes de A e do Curso Técnico Subsequente de B apresentaram uma estratégia metodológica diferente da ocorrida com os/as servidores/as do campos, por serem realizada em formato de roda de conversas e assim apresentarem e propor uma ação pedagógica-transformadora por permitir a voz e a escuta de diferentes pontos de vista discente sobre o assunto abordado.

Elas foram realizadas, devido a situação pandêmica que o mundo enfrenta (na época da pesquisa) e seguindo os protocolos de distanciamento social, por meio da plataforma digital Meet e seu registro foi feito em áudio e depois realizada a transcrição das mesmas. Durante as rodas foram apresentadas cinco perguntas norteadoras. Para que ocorressem as rodas foi indispensável a colaboração dos coordenadores dos cursos e, em especial, a colaboração docente dos respectivos cursos. Inicialmente, a primeira roda com os discentes do curso A a ser realizada no dia 16 de março de 2021 não pôde ser realizada no dia agendado devido ao

cancelamento da aula por solicitação do docente em razão de questões pessoais e como a disciplina já estava finalizando o período de aula (as aulas foram realizadas por blocos menores de disciplinas por vez) a coordenação do curso sugeriu a realização da roda com a próxima disciplina a ser ofertada no curso.

Diante do exposto, foi realizado o contado com a coordenação, a docente e a pesquisadora para o agendamento da roda. A qual foi realizada no dia vinte e seis de abril de 2021 com uma turma do terceiro período do curso. A roda contou com a presença de 10 participantes discentes, mas apenas 03 assinaram o termo confirmando a participação e 01 assinou para não participar (apesar de participar da roda assinou o termo para não participar do estudo), o pesquisador e a pesquisadora. A professora da disciplina já tinha informado o convite e motivo da roda e encaminhado, anteriormente, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, para os discentes por meio de whatsapp do grupo da disciplina; e a roda teve um tempo de duração de 1:58:24.

A roda de conversa com a turma do curso B do terceiro período foi realizada no dia vinte e cinco de março de 2021 e teve a participação de 09 discente (dos quais 06 assinaram o termo), a professora da disciplina e a pesquisadora e orientador dos estudos.

Inicialmente, as rodas de conversas seguiram os seguintes roteiros apresentados em forma de slides: apresentação da pesquisadora; os motivos e objetivos da pesquisa; os objetivos e motivos das rodas e do produto educacional; as regras da roda de conversas.

A partir da primeira pergunta norteadora foi realizada o primeiro questionamento a qual se dividiu em dois tipos de percepção que o grupos responderia: *Hoje observamos vários debates, polêmicas e discussões sobre questões de gênero. Sendo assim: Para você, o que é gênero? Existe diferença entre gênero e sexo?*

Nesse primeiro momento, as turmas dos dois cursos apresentaram respostas muito próximas das que alguns servidores expuseram ao conceituar o gênero como uma construção cultural e como identificação. Conforme a fala do interlocutor 37, “pra mim existe, porque tipo assim, o gênero ele é mais como, na minha opinião, claro, é como a gente se identifica. E o sexo ele vai mais na questão daquilo que a gente foi designado ao nascer. Eu acho que é mais ou menos isso.” (Part. 37).

As respostas da/do participantes 37 nos remete a definição de gênero que

Butler (2015) defende: o gênero como um ato performativo, um conjunto de construções identitárias que a normas sociais regulam e atuam nessas construções. Essa percepção também é proposta no/na participante número 39 ao confirmar, em sua colocação, que gênero é uma construção cultural.

Na segunda pergunta foi realizada a seguinte proposição: *Existe uma essência masculina/feminina? Considerando sua experiência, onde e como aprendemos sobre o feminino e o masculino? O que esse aprendizado envolve?* Inicialmente, houve um silêncio e a pergunta foi repetida pausadamente as três perguntas da segunda proposição da roda. Conforme o interlocutor 37,

Eu acho que está muito ligada a questão cultural. Na teoria se aprende a ser homem e se aprende a ser mulher. Eu acho que o indivíduo em si ele não nasce nem uma coisa nem outra, né. Eu acho que o social entra aí como fator determinante até certo ponto. No passado muito mais do que hoje, mas eu acho que na natureza de cada indivíduo isso vai acontecendo ao longo da sua vida (Part. 37).

De acordo com o interlocutor 39,

É meio que está enraizado né, essa coisa do homem e mulher. Tipo, as pessoas elas já têm isso como regra e aí acaba influenciando né naquela pessoa ao nascer e aí depois é que ela vem se descobrindo se desconstruindo ao longo do tempo e descobrindo quem ela é realmente e é isso, E as vezes provoca até um rebuliço ali porque as pessoas não estão acostumadas com o novo, com a forma do ser humano ser singular e pensar se reconhecer como pessoa única e a partir disso entender a sua própria identidade de gênero, né também (Part. 39).

Inicialmente, as respostas não atingiram o objetivo da pergunta e foi direcionada para outros questionamentos quanto a sexo e sexualidade. Com isso, houve muitos posicionamentos que se chocaram, porém, o debate seguiu de forma respeitosa.

O conjunto das respostas dadas pelos participantes ratificam as afirmações de Butler (2015). Pois mesmo que a sociedade atue e regule as construções de gênero, as constuções identitárias que cada indivíduo constroe - juntamente com as intersecções de raça, classe e outros eixos proposta - nesse estudo por Carla Akotirene (2018), essas construções identitárias os tornam seres que podem performar variadas formas em distintas situações. Em sequência a movimentada pergunta dois foi realizada a terceira pergunta: *Você considera pertinente ou*

importante dialogar sobre gênero no âmbito da vida privada, seja no ambiente familiar e no ambiente de trabalho? Você já percebeu alguma situação que envolve questões de gênero nesses espaços? Para o interlocutor 37,

Eu acho que é o único meio que a gente dispõe para acabar com a intolerância é o diálogo. Eu acho que é o meio mais eficiente. Ele é demorado mas, assim, eu acho sim que ele é muito eficiente. E o diálogo não pode ficar dentro da família, eu acho que todo lugar é um espaço bom que seja discutido porque às vezes num ambiente familiar você só vai ouvir a opinião da sua família e a opinião pode ser preconceituosa. As vezes se você sai daquele ambiente, ouve outros pontos de vista, escuta outras histórias, você consegue até mudar de ideia, até mudar de opinião porque é, é, é os espaços eles são livres, eles são ocupados pelas pessoas, as pessoas transitam, as pessoas é, e, se comunicam, as pessoas dialogam, conversam (Part. 37).

O interlocutor 39 disse o seguinte,

Bom, eu acredito também que é necessário ter essa conversa, conversa nesse sentido, tanto em casa, quanto no trabalho. Em casa porque a gente vai tentar abrir a mente daquelas pessoas que estão, principalmente pais e mães que veio de uma criação muito tradicional e , aí, é muito necessário que haja uma conversa assim. Embora seja muito complicado, muito mesmo, falo por experiência própria, e tipo assim, é muito difícil abrir a mente de uma pessoa e principalmente quando ela não quer. Então é muito bom que a gente é, com o nosso conhecimento de agora, pra gente, o jovem, no caso, que a gente comece a puxar as conversas dentro de casa. É muito , muito necessário pra abrir a mente e quebrar os tabus e, enfim, né. E na questão do trabalho é muito necessário também porque, tipo, a gente sabe que hoje em dia, além de ser muito difícil procurar um trabalho, a sociedade ainda tem aquela coisa de, de desigualdade de gênero. Não falo só em homem e mulher, mas tipo, a gente sabe que tem vários outros né? Tipo na questão da transexualidades e sexualidades, que tipo: o homem cis ou a mulher cis, eles têm mais possibilidades de entrar no mercado de trabalho do que uma pessoa trans. Sabe aí é muito triste isso, sabe. Então eu acho que vale muito a pena e é necessário, e quando se junta todo mundo ou tem uma roda de conversa também no ambiente de trabalho por questão de inclusão também, sabe. E é isto. É muito necessário tanto em um lugar quanto em outro lugar. Obrigada (Part. 39).

A partir das falas das/dos participantes foi possível identificar o quanto o diálogo, a exposição de determinados pontos de vista é indispensável para a compreensão de determinada situação, para a inclusão das pessoas. A/o participante n. 37 e 39 elegem o diálogo como fator preponderante para o fim da intolerância. Ao levar a proposta dessas conversas, diálogos sobre gênero para além da vida familiar,

ou seja, para o ambiente de trabalho formal, é uma maneira de inclusão e consequentemente de diminuição de desigualdade de gênero no ambiente laboral.

Esses diálogos sobre gênero no ambiente de trabalho se tornam essenciais pois, de acordo com Louro (1995, p. 16) para compreender como as relações de poder são institucionalizadas, produzidas e reproduzidas é indispensável ter conhecimento, dialogar sobre as relações de gênero.

Em sequência foi realizada a quarta indagação: *Você percebe alguma relação entre as profissões de logística e enfermagem com as questões de gênero? Se sim, quais relações?* De acordo com as falas dos interlocutores 30 e 32 tem-se o seguinte teor,

Eu acredito que normalmente falam que enfermagem é mais para mulheres porque é uma coisa de cuidar dos outros, zelar. Que e é o papel que é imposto para as mulheres. Na logística ele é muito ligado, ainda, pra trabalho braçal. E muitas vezes as pessoas não vêm a logística como uma administração, uma gestão. Eles veem como um trabalho braçal, ao masculino, aos homens (Part. 30).

Já o interlocutor 32 disse,

Sim, é uma coisa muito enraizada, tanto na enfermagem quanto na logística. Porque assim: na enfermagem sempre tem aquela, aquele preconceito de que é mulher, é uma coisa de mulher. Muito enraizado na cabeça da gente. Que vem, que é uma coisa que vem ali, vem absorvendo com o tempo. E na logística como coisa pra homem, num sei o quê. Que não é bater caixa, que é muito além disso, que é carregar caminhão. E não é só isso, é muita coisa. Mas, assim, na mente da gente se constrói: isso que é um para homem o outro é para mulher. Sendo que, na verdade, não é (Part. 32).

A partir das colocações das/dos discentes pode-se identificar que elas/eles têm consciência que existem trabalhos na sociedade que são considerados para mulheres e trabalhos que são considerados para homens e que o trabalho que remete a força física é direcionado para homens e o trabalho concebido como de cuidado é direcionado para as mulheres. E que esse direcionamento quanto a questões de gênero se encontram nos cursos de enfermagem e de logística.

Para compreender melhor essas implicações que relacionam gênero e trabalho é indispensável trazer para essa análise os estudos de Kergoat (2009) para entender que a sociedade ao estabelecer esse critério de trabalho de mulher e

trabalho de homem ela constói uma relação de poder de homens sobre mulheres pois estabelece funções produtivas para eles que tenham forte valor social, como às políticas, religiosas, dentre outras. E para as mulheres são direcionadas funções, além da produtiva, também reprodutivas as quais são menos visíveis perante a sociedade. Sem, contudo, deixar de demandar uma elevada sobrecarga de trabalho para elas, uma vez que, têm que conciliar, na maioria das vezes, trabalho considerado produtivo e trabalho considerado reprodutivo.

Na quinta e última pergunta foi realizado o seguinte questionamento: *Em sua opinião, esse tema, gênero, deveria ser estudado ao longo do ensino médio em cursos profissionalizantes (técnico integrado)? E em cursos técnicos subsequentes, em que geralmente temáticas gerais da área de ciências humanas e suas tecnologias não figuram como conteúdo específico dos cursos, como é o caso dos cursos Técnicos Subsequentes em Enfermagem e Logística?* Ainda, conforme o interlocutor 30, tem-se o seguinte, “não somente de gênero, mas também de vários outros fatores da vida social” (Part. 30). Enquanto o 37 diz,

Eu acho que é, é como eu já tinha dito antes: E se as coisas fossem menos complicado em relação a isso não existia tanto preconceito, as consequências desse preconceito, porque a intolerância vai além do que: Eu acho isso, eu acho aquilo. A intolerância segrega as pessoas, ela isola as pessoas. Se isso não é importante: conversar, eu não sei não o que é. (13:43). Eu acho que a gente melhorou muito em relação ao passado, mas é tanta coisa ainda pra melhorar e as discussões, a abertura de espaço pra que seja falado, você ouvir o ponto de vista. E , e todos os pontos de vistas eu acho que eles agregam, eu acho que a gente fortalece, o nosso, a nossa própria opinião a partir do que você ouve, eu acho que a opinião da .., ela me agrega, a opinião do .., me agrega, e e porque é , é uma ação de ouvir, e é uma ação de, de falar também de você, dá sua opinião, você ouve a opinião do outro e aquilo vai juntando, formando uma coisa maior que no, eu acho que não é nem mudar opinião do outro, eu acho que não é essa a questão. É a gente parar, ouvir, refletir. Eu acho que isso, a reflexão já é um bom início pra que, pra que as coisas melhorem (Part. 37).

A fala das/dos participantes compartilham da mesma opinião ao evidenciar que é indispensável o diálogo sobre gênero e outros temas que envolva a vivência dos seres humanos na sociedade. E que a escola é um ambiente em que esse diálogo pode/deve ser proposto e desenvolvido. De acordo com A Lei nº 9.394/96 – de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a educação Profissional e Tecnológica baseada nos princípios de uma educação integral estabelece a sua finalidade primordial é a preparação para o exercício de profissões baseado nas dimensões do

trabalho, da ciência e tecnologia para inserção e atuação do discente na sociedade e no mundo do trabalho.

5 PRODUTO EDUCACIONAL: A EXPOSIÇÃO COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DAS QUESTÕES DE GÊNERO

A pesquisa diagnóstica permitiu concluir que, partindo do Campus investigado, a temática gênero não é um assunto presente na práxis do ensino nos cursos técnicos de nível médio ofertados na forma subsequente. Condição que considera-se que pode ser estendida, de modo geral, a toda oferta de EPTNM realizada pelo Instituto Federal de Alagoas na forma de Cursos técnicos subsequentes. De acordo com os dados obtidos na investigação, seja com os docentes e técnicos administrativos, seja com os discentes ou pela análise dos Projetos Pedagógicos dos Cursos investigados, constatou-se que as questões de gênero, apesar de se manifestarem no cotidiano das relações sociais e pessoais daqueles espaços de ensino, não fazem parte da estrutura curricular dos cursos subsequentes.

A investigação também permitiu identificar que o modo como docentes e TAEs concebem gênero, aproximando-se ou distanciando-se do debate científico e acadêmico, influencia diretamente no modo como estes pensam a problemática do ensino da temática gênero na EPT e na educação escolar de modo geral. Mais do que isso, uma vez que são estes profissionais que atuam nas comissões que pensam, formulam e discutem os currículos escolares, o modo como os profissionais que atuam na EPT concebem os mais diferentes conceitos tendem a se manifestar na construção das propostas de cursos e na estrutura curricular pensada para a formação dos profissionais técnicos de nível médio, sejam estes cursos na ofertados na forma subsequente, com os estudados nessa pesquisa, sejam eles ofertados na forma de cursos integrados.

Foi pensando na práxis do ensino de temas como gênero, que muitas vezes é compreendido pelos profissionais da EPT de modo parcial, que foi elaborado um Produto Educacional em forma de guia que sistematiza um processo educativo, na forma de uma prática de ensino, ao apresentar um caminho para que os/as profissionais de educação interessados/as no trabalho com a temática gênero na EPT. Desse modo, o Produto Educacional intitulado **O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero** busca preencher uma lacuna no processo de formação profissional técnica de nível médio realizada por meio de cursos técnicos ofertados na forma subsequente.

[...] Ele [o PE] contém uma proposta de prática educativa que possibilita o trabalho de temas que não estão contemplados no currículo escolar dos cursos técnicos de nível médio, ou que mesmo estando nos currículos não dispõem de tempo ou carga horária adequada para o trabalho pedagógico (SANTOS; GOMES, 2022, p. 6)

O Produto Educacional (PE) foi construído durante o período pandêmico da covid19. Diante disso, foi elaborado um Guia para a Exposição, consistindo em um material didático/instrutivo com uma proposta de prática educativa voltada ao trabalho da temática gênero a partir da realidade dos cursos técnicos subsequentes.

5.1 A Exposição como prática educativa para a EPT

O produto educacional caracteriza-se como um guia que propõe o uso da Exposição como recurso educativo, pelo qual podem ser compartilhados registros fotográficos ou escritos ou de qualquer outro tipo sobre a temática escolhida. Trata-se da proposição de uma prática educativa que pode ser realizada tanto por profissionais do corpo docente como do corpo técnico administrativo dos Institutos Federais e que tem como finalidade criar meios para abordar e colocar em evidência temas que não tem espaço nos currículos escolares dos cursos de formação profissional técnica de nível médio, seja na forma integrada ou na forma subsequente.

Espera-se que a Exposição possa evidenciar as questões de gênero como um problema social e promovam a sensibilização da comunidade escolar para o problema das desigualdades de gênero e apresentem as possibilidades de inserção social e o potencial intelectual e produtivo da mulher.

A abordagem qualitativa de cunho colaborativa cumpre o seu papel, na elaboração do produto, ao levar os sujeitos envolvidos no processo produtivo e no ato educativo a uma reflexão e interpretação quanto a presença das relações de gênero no cotidiano. É por meio do processo educativo que sensibiliza que os sujeitos podem se engajar em deliberações e ações transformadoras, ao mesmo tempo que recebem os resultados das pesquisas e podem, de forma consciente, tomar decisões relativas à vida em sociedade.

As teorias sociais da educação possuem o perfil para uma abordagem que engloba, plausivelmente, a abordagem qualitativa do tipo pesquisa-ação com cunho

colaborativo, uma vez que essas teorias fundamentam-se em propor reflexões para que o educando se prepare para uma transformação da cultura e da sociedade (BERTRAND, 2001, p.152). E nessa proposta de produto educacional, uma Exposição, que as pedagogias de conscientização e de libertação cumpre bem a sua missão, uma vez que tem como objetivo sensibilizar as/os estudantes para o seu papel na sociedade.

5.2 O Produto Educacional como interação entre os saberes propostos e sua ressignificação

A Exposição é pensada como um meio, um ato educativo que valoriza a liberdade. Por isso é fundamentada em um método ativo, pelo qual a comunidade escolar do Campus em que a pesquisa foi realizada e outras Instituições da EPT, ao experimentar e mergulhar no universo da problemática abordada e exposta, os sujeitos se educam e cria uma conexão com objeto exposto e ao sair da exposição pode dialogar com a realidade mediado pela experiência educativa vivenciada.

Esse é um processo educativo por excelência, pautado na crítica e na formação do julgamento. Segundo Freire (1987), o diálogo por ser uma relação não hierárquica entre as pessoas possibilita uma educação libertadora que não se constrói a partir de uma transferência do conhecimento, de uma posição dominante na relação professor x aluno. Essa educação dialógica deve partir das experiências de vida dos estudantes, com base em uma pedagogia situada no concreto. Assim, para o autor, alfabetizar significa a conscientização para que as pessoas possam perceber e que todos participem na construção coletiva e democrática da cultura e história, a partir de uma linguagem que tenha sentido para eles (FREIRE, 1987, p. 83-85).

Etimologicamente a palavra exposição tem sua origem do termo latino *expositione* cujo significado é “apresentar à vista” – *ex* “para fora”, mais *ponere*, “colocar”. Nesse sentido, a exposição objetiva construir um lugar de diálogo e visa a comunicação entre a instituição e o público para além da transmissão de mensagens estáticas. O que se objetiva é a interação entre os saberes propostos e sua ressignificação pelo público, por meio do ato comunicacional durante a realização da mesma. Cury (2008, p.41), traz essa concepção ao afirmar que esse espaço de interação é o espaço de construção de valores e o emissor e o receptor se situam

em relação a esses valores. Corrobora também para essa concepção Cunha (2010) ao afirmar que

Expor é revelar, comungar, evidenciar elementos que se desejam explicitar, e este desejo pode estar relacionado a um momento histórico, uma descoberta científica, uma produção estética, um ideal político. Nesse sentido, as exposições nos colocam diante de concepções, de abordagens do mundo, portanto, expor é também propor. Exposições são traduções de discursos, realizados por meio de imagens, referências espaciais, interações, dadas, não somente pelo que se expõe, mas inclusive, pelo que se oculta, traduzindo e conectando várias referências, que conjugadas buscam dar sentido e representar um texto, uma ideia a ser defendida (CUNHA, 2010, p. 110).

As exposições podem ser criadas em qualquer ambiente, seja ele físico ou virtual e de diferentes modos de apresentação, apesar das pessoas vincularem sua origem e metodologia ao museu. Por apresentar uma narrativa, ela se realizará com base na escolha e consequente apresentação dos objetos que, pelo sentido, estabelecerão a dialogicidade entre essa seleção de ideias e o público participante.

Baseando-se nessa perspectiva de aprendizagem, Cunha (2010) propõe que para se conceber e montar uma exposição, sobre essa perspectiva do conhecimento prévio, é necessário a escolha de um tema relevante científico e socialmente e, posteriormente, deve-se fazer a organização material e visual em um espaço físico para que possa ocorrer a interação entre os conhecimentos.

Essa perspectiva de se trabalhar a partir de uma situação-problema se enquadra na perspectiva da metodologia ativa de aprendizagem, pois Moran (2015, p.3) indica que “nas metodologias ativas de aprendizagem, o aprendizado resulta de problemas e situações reais, os mesmos que os alunos poderão viver depois na vida profissional, de forma antecipada, durante o curso”. As metodologias devem acompanhar, assim, os objetivos pretendidos, pois ao desejar alunos proativos e criativos, é imprescindível que eles possam se envolver em atividades mais complexas, que tomem decisões e que possam também avaliar os resultados, tudo isso com o apoio de materiais relevantes.

Ao abordar metodologias ativas por meio de situações problemas tem-se a pretensão de desenvolver o processo de aprendizagem de forma individual e também coletiva por meio dos grupos de estudos. A meta desta técnica é permitir o estímulo ao pensamento crítico dos alunos, o que visa favorecer o posicionamento crítico-

reflexivo nas suas práticas sociais, ressalta o autor (MORAN, 2015, p. 17). O produto educacional, na condição de um Guia para a organização de uma Exposição se enquadra nessa perspectiva de construção crítica e autônoma do sujeito, a partir de sua elaboração, construção dos registros dos estudantes com base nas reflexões das rodas de conversa quanto à questão de gênero e o papel da mulher na sociedade. Nas concepções em que a educação é vista como formação integral, corrobora-se com as concepções de Zabala (1998) ao afirmar que os conteúdos de aprendizagem não deve se reduzir unicamente as contribuições das disciplinas ou matérias, mas também serão conteúdos de aprendizagem todas as possibilidades: os desenvolvimentos das capacidades motora, afetivas, de relações interpessoal e de inserção social.

Utilizando para tal fim de meios didáticos, ferramentas digitais e principalmente com o diálogo constante entre discentes-discentes e discentes-mediadores. Charlot (2014, p. 41) corrobora com esse pensamento ao afirmar que a educação não deve consistir na transmissão de conhecimentos acabados, mas em uma proposta que leve aos alunos à resolução de situações problemas que desenvolvam atividades intelectuais, as quais com a ajuda do professor, o educando possa apresentar um trabalho intelectual como sujeito de fala, como sujeitos históricos e de direitos. É, nessa perspectiva dialética que Cury concebe a proposta de exposição como uma relação dialética entre o conhecimento que o público já possui em relação ao tema e o novo conhecimento que a exposição propõe.

Conceber e montar uma exposição sob o viés da experiência do público significa escolhas, tomar decisões quanto ao o quê e como. Conceber e montar uma exposição sob o viés da experiência do público significa escolher um tema de relevância científica e social e organizá-lo material e visualmente no espaço físico com o objetivo de estabelecer uma relação dialética entre o conhecimento que o público já tem sobre o tema em pauta e o novo conhecimento que a exposição está propondo. A exposição é pensada e montada tendo como ponto de partida a experiência prévia do público, pois é a partir de sua experiência que o visitante recria a exposição (CURY, 2006, p.42).

Diante dessas reflexões, o produto educacional Guia para Exposição pretende fazer a dialogicidade para a constituição de sujeitos críticos e autônomos. Inicialmente, com as rodas de conversa – na coleta de dados para a construção da mesma e, posteriormente, no processo de apresentação da exposição no ambiente

escolar. Assim, torna-se imperativo, que o debate seja significativo para os estudantes. Isto posto, ao educador, de acordo com Freire (1987), cabe a escolha dos casos concretos e a proposta de instrumentos com os quais os indivíduos possam se formar e aprender a falar do seu mundo e de si mesmo. Por se constituir um desafio ao domínio, o diálogo dará subsídio ao/à professor/a para uma construção, juntamente, com as/os alunos/as, de conhecimentos e aprendizagens onde o antidiálogo não esteja presente. Pois, para o autor, ao ensinar o docente também aprende e ao aprender o discente ensina (FREIRE,1996, p.12). Esse método de alfabetização desenvolvido por Freire leva em consideração a realidade do aluno e pretende despertar nele uma reflexão, um espírito crítico sobre esta realidade de forma que possa ser agente de transformação na sociedade.

5.3 Análise e descrição do Produto Educacional

O Produto Educacional (PE) foi construído durante o período pandêmico da covid19. Diante disso, foi elaborado um Guia para a Exposição, consistindo em um material didático/instrutivo. O PE intitulado **O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero** foi organizado como uma proposta de prática educativa voltada ao trabalho da temática gênero a partir da realidade dos cursos técnicos subsequentes.

[...] Ele contém [o PE] uma proposta de prática educativa que possibilita o trabalho de temas que não estão contemplados no currículo escolar dos cursos técnicos de nível médio, ou que mesmo estando nos currículos não dispõem de tempo ou carga horária adequada para o trabalho pedagógico (SANTOS; GOMES, 2022, p. 6)

O PE é um material didático instrutivo que possui uma proposta de prática educativa que possibilita o trabalho com temas que não constam no currículo escolar dos cursos técnicos de nível médio, ou que mesmo que constando-os não dispõem de tempo e carga horária adequada para esse trabalho pedagógico ser desenvolvido. Diante do relato, a coautoria com o orientador da pesquisa o professor Dr. Jarbas Mauricio Gomes foi um excelente ganho para construção/elaboração do Produto Educacional.

O Produto Educacional foi desenvolvido para ser trabalhado, em especial, nos cursos técnicos de nível médio – em sua forma integrada ou subsequente - por

servidores técnicos administrativos e docentes, uma vez que acreditamos que toda ação que ocorre na Instituição escolar educa por possuir nessa ação um princípio educativo.

[...] No caso do trabalho como princípio educativo, a afirmação, remete à relação entre o trabalho e a educação, no qual se afirma o caráter formativo do trabalho e da educação como ação humanizadora por meio do desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano. (CIAVATTA, 2009, p.01).

É justamente essa proposta humanizadora da relação entre o trabalho e a educação que Acácia Kuenzer (2013) defende na análise da sua obra “ seja único enquanto estrutura, seja politécnico quanto ao conteúdo e dialético quanto a metodologia”, e não como um instrumento de manutenção da ordem hegemônica, do sistema capitalista, por meio de uma educação e sistema de ensino que priorizam a instrumentalização técnica do/a trabalhador/a e um saber fragmentado em detrimento da formação que englobem o seu pleno desenvolvimento.

Dada a importância de o tema gênero ser trabalhado em cursos técnicos de nível médio e, em especial, aqueles que são atrelados a cursos voltados para mulheres e cursos voltados para homens, o tema escolhido para o Guia foi a relação entre gênero e trabalho uma vez que essa relação entre gênero e trabalho nem sempre recebe a devida relevância para a formação das/dos profissionais e futuros/as profissionais que trilham ou trilharão os caminhos do mundo do trabalho. Com especial destaque para o lugar que a mulher ocupa no mundo do trabalho para os olhos da sociedade.

A partir das considerações acima relatadas, o objetivo da proposta foi explorar a relação entre gênero e trabalho a partir da exposição de materiais que retratem/tratem do lugar da mulher no mundo do trabalho e que essa exposição crie uma inquietação, um questionamento por meio da práxis reflexiva fundamentada em uma perspectiva histórica e dialética. Assim o Guia foi intitulado: **O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero**. O PE cumpriu todas as etapas de seu desenvolvimento, de acordo com Maria Ivanise Rizzatt *et al* (2020) uma vez que passou pelos processos: da pesquisa, análise e síntese, prototipação do produto, a avaliação, a análise dos resultados da aplicação, e a revisão do produto.

Figura 1 – Capa do Guia didático: O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero.



Fonte: Autores (2022).

O Produto completo está no apêndice A.

Link da Educapes - <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/704496>

O Produto Educacional possui trinta e oito páginas e se divide em quatro seções, iniciando com a apresentação do produto. Durante o “trajeto” do PE aparecem excertos obra de Simone de Beauvoir, que apesar de estarem entre aspas, não são citações do texto, mas uma forma de “chamariz” para destacar a relevância de como o trabalho pode oportunar a reflexão sobre a mulher na sociedade. A estrutura desse estilo, apesar de ser questionado a sua pertinência na estruturação do Produto Educacional, não recebeu nenhuma crítica negativa quanto a sua apresentação durante o processo de validação do mesmo.

A primeira seção trata da Exposição como recurso educativo e se divide em três subseções em que a primeira “Colocar às vistas o que se quer manter longe dos olhos...” apresenta o mote e o porquê da sua escolha em relação ao tema e o objetivo da proposta - explorar a relação entre gênero e trabalho a partir da exposição de materiais que retratem/tratem do lugar mulher no mundo do trabalho. Explica que o Produto Educacional busca retomar as bases conceituais da Educação Profissional e

Tecnológica, como meio de superar a dicotomia entre a formação geral e a formação técnica, fazendo uso de uma estratégia de ensino que produz uma práxis reflexiva. Exemplifica quais são as diferentes perspectivas metodológicas que o PE pode ser desenvolvido no ambiente escolar.

A segunda subseção “O trabalho como princípio educativo” indica como esse pressuposto sustentou a construção da proposta educativa e, por ele, é retomado o debate do lugar da mulher no mundo do trabalho e as vinculações que o sistema patriarcal desenvolve nas relações de poder na organização social e nos costumes da sociedade, bem como as desigualdades de gênero na sociedade e os seus reflexos na divisão sexual do trabalho na formação profissional do indivíduo. A última subseção enfatiza a abordagem da pesquisa como princípio pedagógico, outra base conceitual que fundamentou a construção da proposta e se constituiu como premissa do trabalho de construção da exposição, por meio do levantamento e sistematização de dados e informações. Discorre sobre a construção do material produzido: a forma, a escolha por determinado material a ser utilizado e a opção por respeitar a condição *home office* de ensino remoto “sob o qual se deu o desenvolvimento da pesquisa e do produto educacional” e os seus impactos no desenvolvimento de ambos os trabalhos.

A segunda seção do PE apresenta a exposição e as etapas de trabalho comuns em um projeto de atividade que tem como mote construir/realizar (executar) uma exposição; planejamento, preparação e montagem, a exposição e a avaliação. É na fase de planejamento que a pesquisa emerge como princípio educativo, por ser utilizada como um recurso de trabalho e/ou como instrumento de aprendizagem. Nessa seção é colocada em tela a Exposição **A mulher no mundo do trabalho**, por meio da composição de cinco quadros, que possuem o objetivo de destacar a relação entre gênero e trabalho por meio de materiais que problematizem, com a mediação do pensamento de Beauvoir em sua obra “O segundo sexo”, os espaços ocupados pela mulher no mundo do trabalho. As montagens procuram “problematizar o lugar comum que a mulher e o trabalho feminino ocupam no imaginário popular e na cultura hegemônica”, uma vez que o movimento feminista recebeu influência por meio de seus estudos em relação a mulher e o mundo do trabalho na sociedade.

Para cada quadro, elaborado para ser exposto, existe a sua composição. Na qual identifica-se: seu título, os dados relacionados à imagem, o motivo da escolha da ilustração e a referência relativa a ela; e os textos utilizados que possuem o objetivo de situar o/a leitor/a quanto ao material utilizado para criar os quadros para expor. E

finaliza com a reflexão sobre como toda ação educativa é uma relação de hegemonia e um ato político.

5.4 Avaliação do Produto Educacional

Foi encaminhado um questionário digital, juntamente com o arquivo do PE, para o e-mail dos 29 servidores técnicos administrativos e docentes dos cursos A e B da pesquisa - os quais já haviam participado da primeira etapa da pesquisa. O formulário foi elaborado por meio do *Google forms* e continha quinze questões, sendo onze fechadas e cinco abertas e que ficou disponível/aberto para avaliação durante o período de 19/04 a 07/05 de 2022. As questões foram divididas em duas seções: a) caracterização do perfil do avaliador/a (categoria profissional, idade e escolaridade); b) a avaliação do Guia para a Exposição.

Participaram da validação do Produto Educacional: 06 técnicos administrativos (60%), 03 docentes do curso A (30%), e 01 docentes do curso B (10%), totalizando quantitativo de 10 avaliadores/as, com idades entre 31 e 67 anos. Os respondentes possuem formações profissionais, cargos e funções distintas. Sendo 02 graduados, 02 especialistas, 05 mestres e 01 doutor.

As respostas para cada questão fechada seguiram o formato da escala Likert e foram organizadas de forma a serem escolhidas de acordo com o grau de concordância do/a participante do estudo: concordo plenamente, concordo parcialmente, não concordo e nem discordo (neutro), discordo parcialmente e discordo totalmente. A seção avaliação da Cartilha foi composta pelos seguintes questionamentos:

- 6) O produto educacional intitulado “O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero” tem o objetivo de apresentar uma proposta de prática educativa que possibilite o trabalho de temas que não estão contemplados no currículo escolar dos cursos técnicos de nível médio, em especial naqueles ofertados na forma de cursos subsequentes. Considerando o objetivo, o conjunto de instruções e orientações apresentadas ao longo do produto permitem reproduzir e/ou organizar exposições educativas para trabalhar o tema proposto que é a relação entre gênero e trabalho?
- 7) Ainda em relação ao objetivo do Produto educacional, você considera que o conjunto de instruções e orientações apresentadas ao longo do produto permitem reproduzir e/ou organizar exposições educativas para trabalhar outras temáticas de interesse da EPT ou dos componentes curriculares dos cursos técnicos?

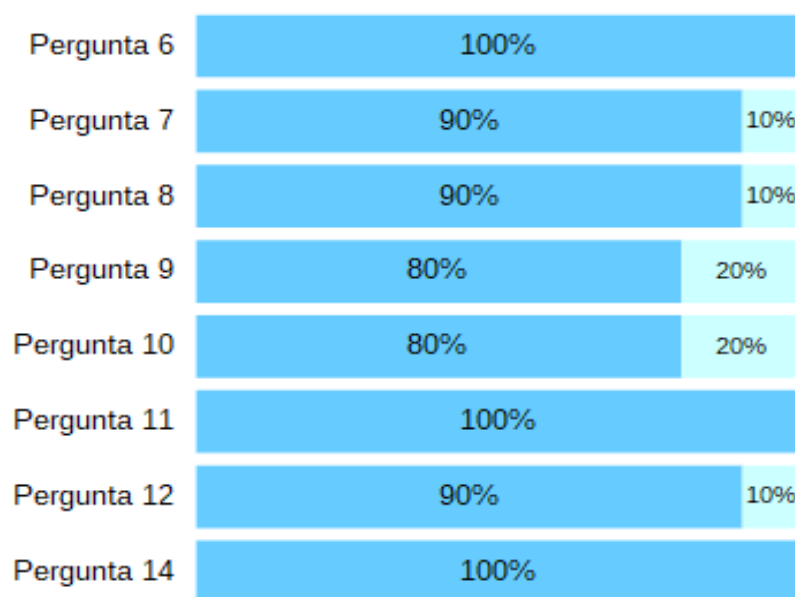
- 8) O produto educacional é destinado aos servidores (docentes e TAEs) que buscam estratégias para desenvolver atividades educativas no âmbito da EPT. Tendo em vista essa condição, a linguagem utilizada no PE é clara e objetiva?
- 9) Com relação a apresentação visual do produto educacional, ela está adequada a proposta do material à temática escolhida?
- 10) A diagramação é adequada, sendo agradável ao leitor e informando adequadamente as passagens de seções?
- 11) Você identificou erros gramaticais ou de formatação no texto do produto? Caso tenha respondido sim, quais os erros identificados?
- 12) O título “O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero” está adequado ao conteúdo do produto educacional?
- 13) Qual o título que você propõe para o produto?
- 14) Deixe sua impressão e/ou críticas sobre o material que compõem o Produto Educacional.

Porcentagem de participantes por perguntas que:

Concordam plenamente 

Concordam parcialmente 

Figura 2 – Avaliação do Produto Educacional.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Pode-se observar que 100% dos/as respondentes apontam que o Produto Educacional apresenta uma proposta que permite reproduzi-lo e/ou organizar exposições educativas para trabalhar o tema proposto, que é a relação entre gênero e trabalho.

Diante do questionamento sobre o conjunto de orientações e instruções dispostas no PE, se permitiam a reprodução e/ou organização de exposições educativas para trabalhar outras temáticas de interesse da EPT ou dos componentes curriculares dos cursos técnicos, 90% dos avaliadores apresentou concordância total e um percentual de 10% de concordância parcial.

Esse posicionamento dos/as avaliadores/as é relevantes, pois indica que o PE atingiu o objetivo de propor o uso da Exposição como recurso educativo, pelo qual podem ser compartilhados registros fotográficos, imagens ou escritos ou de qualquer outro tipo sobre a temática escolhida e criar meios para abordar e colocar em evidência temas que não tem espaço nos currículos escolares dos cursos de formação profissional técnica de nível médio, seja na forma integrada ou na forma subsequente. Conforme Lima (2017, p. 183) e Teles et. al (2014, p. 980), a aceitação do produto é baseada na escolha do item concordância total por, pelo menos, 75% dos respondentes.

Para a pergunta de número 11, que questionou se o Produto cumpria com o objetivo de propor e fornecer uma visão geral sobre o uso da Exposição como recurso educativo, o percentual foi de 100% de concordância total indica que o PE cumprir com o seu objetivo proposto.

Quadro 09 – Ponderações dos/as avaliadores/as a respeito do produto educacional.

Alcance do objetivo	Muito bem planejado, a temática é excelente (part. 4)
	Muito importante para nossa Instituição de ensino, precisamos discutir mais esse tema com os nossos alunos e servidores. (part. 5)
	Parabéns por explorar um tema tão atual e importante para o universo feminino. Explorar a relação entre gênero e trabalho evidenciando o lugar da mulher no mundo do trabalho. (part. 3)
	Sensacional, um tema atual e impacta, principalmente, no caso da enfermagem sermos a maioria de mulheres, sucesso! (part. 6)
	Achei a ideia sensacional para trabalhar o tema. Muito

	pertinente e necessário, parabéns! (part.)
	Aprovado, sem ressalvas. (part. 2)
	O material é ótimo, amei a linguagem. Acredito que usar ícones e gravuras, possa auxiliar em outras dinâmicas de abordagem do tema. (part. 7)

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Foi questionado aos avaliadores se eles tinham identificado erros gramaticais ou de formatação no texto do produto e se caso tivessem respondido sim, quais os erros identificados. Dois respondentes relataram ter encontrado alguns erros de formatação no texto e sugeriram uma revisão, as quais foram acatadas e realizadas na versão final do PE.

Diante dos resultados obtidos na validação do PE, considera-se que a proposta conseguiu atingir os objetivos a que se propôs. Por se tratar de um produto educacional da área de ensino e que sistematiza uma prática como uma proposta de trabalho a ser utilizada/reproduzida pelos profissionais da EPT, as respostas obtidas com os participantes indicam que o PE é passível de ser replicado por profissionais que pretendem trabalhar com um material educativo que objetiva promover a reflexão de temas que não encontram espaços e/ou não são contemplados nos currículos escolares, em especial para o tema gênero e trabalho.

Por ser concebido assim, entende-se que o PE se aproxima de cumprir um outro objetivo que, de acordo com Maria Ivanise Rizzatt *et al* (2020), é o papel formativo, presente tanto na prática profissional da/o pesquisadora/o durante o processo de elaboração, como daqueles que irão utilizar o PE como um elemento suleador de suas práticas educativas ações voltadas à consecução de uma formação omnilateral transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a presença da temática gênero, em dois cursos subsequentes ao ensino médio, em um campus do Instituto Federal de Alagoas, foi o caminho trilhado por esse estudo com o objetivo de compreender como as relações de gênero trabalhadas no ambiente escolar contribuem para uma formação integral do discente.

A pandemia de covid19 fez com que os estudos referentes a pesquisa trilhassem novos caminhos, uma vez que, a adoção do ensino remoto pelo Ifal e do trabalho remoto para os TAEs no período de desenvolvimento da pesquisa impactou a proposta inicial de trabalho e a pesquisa foi realizada a partir do ambiente doméstico, onde trabalho considerado remunerado e trabalho considerado não remunerado compartilharam o mesmo espaço físico. Dessa forma, essa variável interveniente nos levou a realizar as rodas de conversas com os discentes a um espaço digital/remoto. E ao mesmo tempo, devido a esses fatores, fizemos com que o Produto Educacional seguisse outros rumos em seu formato: que foi a mudança para um Guia para Exposição, pois a exposição não pôde ser realizada a tempo hábil para a finalização do estudo.

Os caminhos percorridos para e nos referenciais teóricos deram suporte para a reflexão quanto a gênero, trabalho e ensino. A temática do ensino sobre gênero no ambiente escolar da Educação Profissional e Tecnológica, com enfoque, de acordo com o recorte da pesquisa, no formato do ensino subsequente, ancorados na fala de Marise Ramos (2011; 2014) Gaudêncio Frigotto (2007), Maria Ciavatta (2005), no que tange os princípios para uma formação que tem a educação integral, omnilateral como uma concepção de formação humana para o trabalho e a vida em sociedade com destaque para o protagonismo da mulher.

Ao assumir o papel formativo, ontológico que a categoria trabalho possui é indispensável que as questões relacionadas a gênero façam parte do formativo dos novos profissionais que a Educação Profissional e Tecnológica deve possuir. Uma vez que esse trabalho possui um princípio educativo e que deve ensinar sobre as relações de poder que existem no processo laboral que elas/eles serão inseridas/os, e os papéis sociais, geralmente, direcionados aos homens e às mulheres no que se referem a trabalhos considerado produtivos e trabalhos considerados reprodutivos.

De acordo com o que foi anteriormente relatado acerca desta temática, propusemos neste estudo a seguinte questão com o intuito de compreender a seguinte problemática: como as relações de gênero trabalhadas no ambiente escolar contribuem para uma formação integral do discente nos referidos cursos? Com vista a responder ou não as seguintes hipóteses: o tema gênero não é trabalhado, em sala de aula pelos docentes por se tratar de cursos subsequentes ao ensino médio, ou por acharem um tema pouco relevante para se discutir em sala de aula; a outra hipótese é porque discutir gênero no espaço escolar não é pertinente para a formação integral do discente.

Deste ponto, a pesquisa partiu do pressuposto de que trabalhar as questões de gênero na formação profissional de nível médio é uma condição sem a qual os egressos do Ifal não atingirão a condição de uma formação humanística, omnilateral e integral. Pois, quando trabalhamos a relação entre gênero e trabalho, formamos um tipo novo de profissional, um tipo que passa a refletir sobre a estrutura dos sistemas e da organização do trabalho, sobretudo das relações de poder e submissão historicamente naturalizadas nas relações de trabalho entre homens e mulheres.

Por meio da revisão da literatura, a presente pesquisa destaca que o tema gênero consta como temática relevante para uma formação integral, omnilateral das/dos discentes na legislação que constitui os pilares da Educação Profissional e Tecnológica e também constam no PDI do Ifal. Contudo, essa realidade quanto ao tema gênero não se faz presente nos PCCs dos cursos subsequentes ao ensino médio estudados e nem nos currículos dos mesmos.

Dessa forma, a ausência do referido tema em cursos que propõe formar cidadãos e cidadãs para o trabalho e para a vida, mas que não incluem essa temática, que pode possibilitar que a igualdade de gênero possa ser desenvolvida na vida pessoal como também no ambiente laboral, colabora para a reprodução da desigualdade de gênero na sociedade.

O estudo concluiu que a presença do tema gênero na formação do profissional técnico de nível médio, apesar de não está presente nos PCCs dos cursos A e do B, é vivenciada no ambiente de sala de aula, no ambiente escolar e também nos postos de trabalho de alguns discentes, de acordo com os dados encontrados no transcorrer da pesquisa, por meio dos relatos de servidores docentes, técnicos administrativos e de discentes pertencentes ao campus. O assunto sobre a temática relativa a gênero encontra interesse no espaço escolar e existe a relevância por parte, da maioria, dos

participantes do estudo.

Contudo, há uma divisão por parte dos docentes em relação a ensinar a temática, uma vez que, apesar deles saberem da relevância do tema ser discutido e compreenderem que esse tema é essencial para ser debatido em sala de aula para uma melhor formação do discente, no que tange a sua formação escolar para o ambiente laboral e também pessoal. Eles/elas, em sua maioria, pensam gênero relacionado a identificação do sexo, da sexualidade do sujeito. Eles não olham gênero na relação com o trabalho. Pois se fosse realizada essa relação a temática deveria está em todas as disciplinas técnicas dos referidos cursos. Os discentes também ficam muito restritos a problemática de gênero a sexo e sexualidade. Deixando escapar a forma mais complexa da correlação de gênero e trabalho na formação humana. E, dessa forma, o ensino instrumentaliza e não forma trabalhadoras e trabalhadores com capacidade crítica de análise e que possam pensar o trabalho como princípio formativo de quem ele é na e para a sociedade.

Dessa forma, acreditamos que o presente estudo tem o potencial de contribuir para a reflexão sobre a presença da temática gênero e trabalho nos cursos técnicos de nível médio na forma subsequente e em outros cursos do ambiente escolar. Para levar essa reflexão, que não se encontra presente nos currículos e salas de aulas, propusemos o Produto Educacional (PE) que caracteriza-se como um material didático/instrucional pois ele dá a possibilidade de trabalhar o tema gênero, como também pode ser adaptado para se trabalhar raça, inclusão e diversidade, e outras temáticas que possam não está presentes nos currículos dos cursos técnicos subsequentes ao ensino médio. Por conseguinte, o produto educacional pode ser utilizado por educadores, seja docente ou técnico administrativo, pois todos os profissionais das instituições escolares educam a partir do momento que o seu trabalho possui um princípio educativo.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTRAND, Yves. **Teorias contemporâneas da educação**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Imprensa Oficial, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 16 de setembro de 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 59, 13 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 02. nov de 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, edição 98, p. 44, 24 de maio de 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 02. nov de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei Nº 11.892/08, de 29 de dezembro de 2008. Disponível em: <http://planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm>. Acesso em: 22. set de 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 8a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In.: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Org.). **Ensino Médio Integrado**: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

CIAVATTA, Maria. **Trabalho como princípio educativo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/trapriedu.html>. Acesso: 23 maio. 2022.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2014.

COSTA, F. B. **Homens Invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.

CUNHA, Marcelo Bernardo da. A exposição museológica como estratégia comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial. **Revista Magistro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/Lenovo/Dropbox/My%20PC%20\(DESKTOP-S4BMIT6\)/Downloads/1062-2831-1-PB.pdf](file:///C:/Users/Lenovo/Dropbox/My%20PC%20(DESKTOP-S4BMIT6)/Downloads/1062-2831-1-PB.pdf). Acesso em: 16. set de 2020.

CURY, Marília Xavier. **Exposição, concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. *In.*: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1129-1152, Oct. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S0101-. Acesso em: 23. out de 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**: os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo. V. 2. 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GUIGINSKI, J., & WAJNMAN, S. A penalidade pela maternidade: participação e qualidade da inserção no mercado de trabalho das mulheres com filhos. **Revista Brasileira De Estudos De População**, 36, p. 1-26, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.20947/s0102-3098a0090>. Acesso em: 23. out de 2019.

GUZMÁN, V. A. Equidade de gênero como tema de debate de políticas públicas. *In.*: FARIA, N.; SILVEIRA, M. L.; NOBRE, M. (Orgs.). **Gênero nas políticas públicas**. São Paulo: SOF, 2000.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em: 24 out de 2019.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. A classe operária tem dois sexos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 1, p. 93-100, jan./jun. 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16291/14832>. Acesso em: 24. out de 2019.

IBGE. Pesquisa Nacional por amostra de domicílio. Brasília: IBGE, 2012.

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS. Plano de curso técnico de nível subsequente em enfermagem. Maceió: IFAL, *Campus Benedito Bentes*, 2017.

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS. Plano de curso técnico de nível subsequente em logística. Maceió: IFAL, *Campus Benedito Bentes*, 2018.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KUENZER, Acácia Zeneida. O trabalho como princípio educativo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 68, p. 21–28, 2013. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1118>. Acesso em: 30 abr. 2022.

LIMA, A. C. M. A. C. C.; *et al.* **Construção e Validação de cartilha para prevenção da transmissão vertical do HIV**. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 30, n. 2, p. 181-189, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petropolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez.1995.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MANACORDA, M. A. **Marx e a pedagogia moderna**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2010.

MORAN, J.M. Mudando a educação com metodologias ativas. *In.: Convergências midiáticas, Educação e Cidadania: Aproximações jovens*. Coleção Mídias Contemporâneas. 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2018/03/Metodologias_Ativas.pdf. Acesso em 24. abr de 2020.

MOREIRA, M. A. O mestrado (profissional) em ensino. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, n. 1, p. 131-142, jul.2004. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Ciencias/Artigos/131_142_o_mestrado_profissional_em_ensino.pdf. Acesso em: 26. out de 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. **História do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

RAMOS, M. N. O currículo para o Ensino Médio em suas diferentes diferenças: concepções, propostas e problemas. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 116, p.771-788, set. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n116/a09v32n116.pdf>. Acesso em: 25. nov de 2019.

RAMOS, M. Educação pelo trabalho: possibilidades, limites e perspectivas de formação profissional. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, supl. 2, p. 55-59, jun.

2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Biblioteca/Downloads/29575-Article%20Text-34373-1-10-20120704%20(1).pdf>. Acesso em: 25. nov de 2019.

RAMOS, M. N. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.

RIZZATT, Ivanise Maria *et al.* Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. *Actio Docência em Ciências*, v. 5, n. 10, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657>. Acesso em: 30 de abr. 2020.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2018

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, PortoAlegre, v. 20, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 24. out de 2019.

SCOTT, Joan W.. O enigma da igualdade. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis v. 13,n. 1, p.11-30,Apr. 2005 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104->. Acesso em: 18. jul de 2020.

SOARES, V. Políticas públicas para a igualdade: papel do Estado e diretrizes. *In*: Godinho, T.; Silveira, M. L. (Org.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo:Coordenadoria Especial da Mulher, 2004. Disponível em: <<https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05630.pdf>>. Acesso em: 26 out de 2019.

SOUZA, Larissa Maia de; NETO, Avelino Aldo de Lima. **Fazendo gênero na educação profissional**: notas epistemológicas a partir do estado de conhecimento sobre educação profissional e gênero na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (2008-2019).*Revista Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 26, n. 4, p. 235-250, out./dez. 2019. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/13063>>. Acesso em: 15 set de 2020.

TELES, L. M. R.; *et al.* **Construção e validação de manual educativo para acompanhantes durante o trabalho de parto e parto**. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, n. 6, p. 977-984, 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

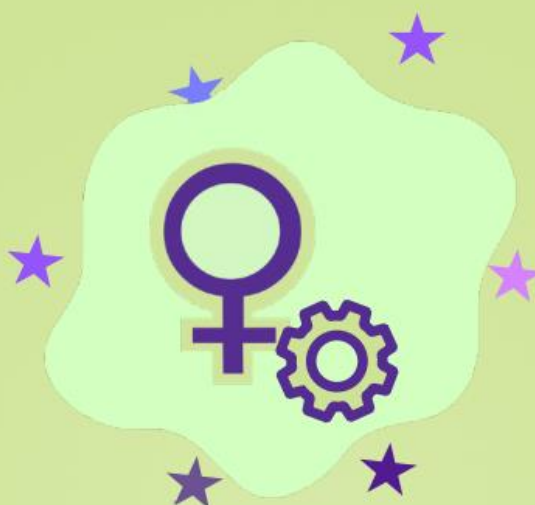
TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Produto Educacional

Lindinalva da Silva Santos
Jarbas Mauricio Gomes



O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero



Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. Quando emprego as palavras "mulher" ou "feminino" não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: "no estado atual da educação e dos costumes". Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular.

Simone de Beauvoir,
1967.





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Avançado Benedito Bentes
Biblioteca

S2371

Santos, Lindinalva da Silva.

O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero / Lindinalva da Silva Santos; Jarbas Mauricio Gomes. – 2022.

37 f. : il.

Produto Educacional da Dissertação: A presença da temática gênero na formação do profissional técnico de nível médio (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2022.

1. Educação Profissional. 2. Gênero - Trabalho Educativo. 3. Curso Técnico. 4. Produto Educacional I. Gomes, Jarbas Mauricio. II. Título.

CDD: 370

Fernanda Isis Correia da Silva
Bibliotecária - CRB-4/1796

EXPEDIENTE TÉCNICO

Instituto Federal de Alagoas (Ifal)

Reitor: **Carlos Guedes de Lacerda**

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e

Inovação: **Eunice Palmeira**

**Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e
Tecnológica (ProfEPT/Ifal)**

Coordenador: **Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti**

Orientação: **Jarbas Mauricio Gomes**

Projeto Gráfico: **Diego dos Santos Alves**

Produção: **Lindinalva da Silva Santos e**

Jarbas Mauricio Gomes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 06

SEÇÃO 1: 08
A exposição como recurso educativo

SEÇÃO 2: 15
A exposição

**À GUIA DE
CONCLUSÃO:** 31
Toda ação educativa é uma relação
de hegemonia e um ato político

REFERÊNCIAS 36

APRESENTAÇÃO

O produto educacional (PE) que apresentamos caracteriza-se como um material didático/instrucional e foi desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Alagoas (ProfEPT/Ifal). Ele contém uma proposta de prática educativa que possibilita o trabalho de temas que não estão contemplados no currículo escolar dos cursos técnicos de nível médio, ou que mesmo estando nos currículos não dispõem de tempo ou carga horária adequada para o trabalho pedagógico.

O tema escolhido é a relação entre gênero e trabalho. Relação nem sempre considerada relevante para a formação dos profissionais técnicos de nível médio, seja em cursos ofertados na forma integrada, o Ensino Médio Integrado (EMI), seja na forma de cursos subsequentes. De modo mais específico, olhamos para o lugar da mulher no mundo do trabalho, tema que tem galgado espaço nos debates acadêmicos sobre o mundo do trabalho e sobre a organização social, política e econômica. A escolha resulta da dissertação **A presença da temática gênero na formação do profissional técnico de nível médio** que, defendida por Lindinalva da Silva Santos, investigou o ensino dos temas relativos à gênero nos cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) de um Campus do Ifal que, no período da pesquisa, ofertava dois cursos na forma subsequente, nas áreas de Enfermagem e Logística.

Embora não se restrinja à EPT e possa ser adaptado e replicado para outros níveis e modalidades de ensino, este PE é destinado aos educadores que atuam no campo da EPT, sejam eles servidores técnicos administrativos da educação, sejam eles docentes. Pois, uma vez que entendemos que tudo que ocorre na escola educa,

também consideramos que todos os profissionais que atuam no âmbito das instituições escolares, incluindo os Institutos Federais, são educadores. Do mesmo modo, o trabalho desses educadores é um princípio educativo não só da construção social da própria identidade e subjetividade, mas como elemento educativo das novas gerações que aprendem sobre profissão e profissionalismo em todos os espaços da escola, desde o tratamento ou dos procedimentos da portaria do Instituto, ao atendimento no refeitório; o trabalho de cada servidor ao atender pais e responsáveis ou os estudantes é educativo, do momento da matrícula até a formatura. Também nesse espaço, o lugar ocupado pelas mulheres no mundo do trabalho, dado seu caráter dialético, pode naturalizar e reforçar estereótipos sociais ou ser exemplo de ruptura e transformação social.

Em tempo, registramos o sincero e merecido agradecimento à Prof. Dra. Géssika Cecília Carvalho da Silva (Ifal/Murici). Pois tendo iniciado como orientadora de Lindinalva, a acompanhou por mais de um ano. Certamente, foi aquele processo de orientação que despertou a inspiração e o desejo de trabalhar em um PE que, sistematizado em forma de uma exposição, tivesse como temática e problemática as questões de gênero no ensino na EPT.

Ensejamos que a proposta de trabalho que desenvolvemos sirva de instrumento e inspiração para educadores de diferentes níveis e modalidades de ensino. Em especial para aqueles que pensam a EPT, e o trabalho educativo desenvolvido no interior dos Institutos Federais, como uma prática de liberdade e de emancipação, tendo como norte de formação das novas gerações a formação humana e a formação para o mundo do trabalho.

Na ensolarada Alagoas, no verão de 2022

*Jarbas Mauricio Gomes e
Lindinalva da Silva Santos*

1 A EXPOSIÇÃO COMO RECURSO EDUCATIVO

1.1. Colocar às vistas o que se quer manter longe dos olhos...

Apresentar à vista. Este é um dos significados etimológicos da palavra exposição. Este é também o mote que nos levou a sistematizar um roteiro com orientações para o trabalho educativo de temas que, ainda no século XXI, demandam visibilidade. Escolher expor não é uma decisão aleatória, foi uma ação pensada e repensada à luz das bases conceituais da EPT; ao dizer isso, nos situando no campo da educação escolar e de modo mais específico na área de ensino, assumimos uma posição política de que a formação profissional do técnico de nível médio, realizada no âmbito dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), em específico do Instituto Federal de Alagoas (Ifal), deve, sempre, primar por um caminho formativo que garanta às novas gerações superar a dicotomia entre o trabalho técnico manual e o trabalho intelectual por meio de uma formação escolar pautada por fundamentos humanísticos, científicos, filosóficos e tecnológicos.

O objetivo da proposta é explorar a relação entre gênero e trabalho a partir da exposição de materiais que retratem/tratem do lugar da mulher no mundo do trabalho. Expor a relação entre gênero e trabalho não é um ato de rebeldia diante do atual contexto histórico e político em que forças conservadoras levantam a bandeira de que a escola não é lugar para dialogar e aprender sobre gênero. Esta é uma iniciativa que busca superar o senso

comum e desnaturalizar interpretações acríicas de categorias (manifestações concretas do mundo real) historicamente constituídas, ao mesmo tempo que procura reconstruir os significados de conceitos mediadores da formação de profissionais técnicos de nível médio. Em outras palavras, este produto educacional (PE) busca retomar as bases conceituais da EPT para superar a dicotomia entre formação humana e formação profissional, entre formação técnica e formação geral.



Nessa divisão primitiva do trabalho, os dois sexos já constituem, até certo ponto, duas classes; entre elas há igualdade. Enquanto o homem caça e pesca, a mulher permanece no lar. Mas as tarefas domésticas comportam um trabalho produtivo: fabricação dos vasilhames, tecelagem, jardinagem, e com isso ela desempenha um papel importante na vida econômica (BEAUVOIR, 1970, p.74).



Pensar as questões de gênero a partir de um olhar para o lugar que a mulher ocupa no mundo do trabalho, mediados pelo trabalho enquanto princípio educativo, emerge da vontade de apresentar uma antítese ao modelo historicamente construído e que coloca a mulher em um aparente pedestal ao passo que limita, reduz e mina as possibilidades de crescimento pessoal e intelectual. A posição secundária delegada à mulher, que está “por trás de um grande homem”, que exerce o papel de “dona do lar” em um trabalho não remunerado e não reconhecido, é confrontada com uma antítese vigorosa que olha para o mundo real e coloca em evidência que o trabalho, nos últimos cem anos, foi o espaço de formação de um tipo novo de mulher, uma mulher intelectualizada, capaz de dominar habilidades e saberes e ocupar espaços que no passado eram reservados aos homens.



Não foram nem o feudalismo nem a Igreja que emanciparam a mulher. É antes a partir da condição de servo que se processa a passagem da família patriarcal à família autenticamente conjugai. O servo e sua esposa não possuíam nada, tinham somente o gozo comum da casa, dos móveis, dos utensílios: o homem não tinha nenhuma razão para procurar tornar-se senhor da mulher que nada possuía; pelo contrário, os laços de trabalho e de interesses que os uniam elevavam a esposa ao nível de companheira. A pobreza continua quando a servidão é abolida; é nas pequenas comunidades rurais e entre os artífices que se vêem os esposos viver em pé de igualdade. A mulher não é nem uma coisa nem uma serva: isso são luxos de ricos; o pobre sente a reciprocidade de um laço que o amarra à sua metade; no trabalho livre, a mulher conquista uma autonomia concreta porque encontra seu papel econômico e social (BEAUVOIR, 1970, p. 125).



Ao propor uma exposição sobre a temática gênero, optamos por uma estratégia de ensino que não produz a mediação direta entre o conteúdo e sua interpretação, mas almeja promover a inquietação e a práxis reflexiva. Neste ponto, a práxis educativa pode ser desenvolvida por meio de diferentes perspectivas metodológicas, dentre elas o Métodos de projetos, os Centros de interesse, o Trabalho por temas, a Pesquisa do Meio e os Projetos de trabalho, entre outros¹. Neste sentido, mesmo diante da intencionalidade dos autores e de uma mediação pedagógica consciente, em uma exposição não é possível definir de antemão a reação dos sujeitos. Do mesmo modo, a mediação não limita os caminhos interpretativos à visão dos autores, pois as reações e as

¹Para uma visão mais ampla sugerimos a leitura de **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**, de Fernando Hernández (1998) que trata do uso da pesquisa em sala de aula.

interpretações dependem da concepção de mundo de cada sujeito que tem contato com a exposição.

O processo educativo que propomos foi estruturado em uma práxis educativa que não depende da sala de aula para a sua realização. Embora possa ser desenvolvido nas atividades curriculares e com temas do currículo, este tipo de prática educativa transcende essa dimensão do ensino na EPT e se materializa como uma possibilidade de atividade de ensino a ser explorada em campanhas educativas, em projetos de ensino ou extensão ou como atividade integradora. Por ser autônoma daquilo que ocorre na sala de aula, mas sem estar alheia aos pressupostos que norteiam o ensino e a formação na EPT, a prática proposta ocupa os espaços da escola que podem ser explorados por todos os educadores que atuam na EPT, não só pelo corpo docente da Instituição.

Nosso mote, ao propor uma exposição, é entregar uma mensagem que, mediada pedagogicamente, está livre da transposição didática e dos rituais formais do ensino. Ela é fundamentada em uma perspectiva histórica e dialética que procura explorar as contradições entre o plano real da existência e as concepções de mundo idealizadas ao longo da história. Desse modo, pensamos contribuir para colocar às vistas aquilo que, de certo modo, as hegemonias pretendem deixar longe do olhar.

1.2. O trabalho como princípio educativo



O trabalho, a guerra, o jogo, a arte definem maneiras de ser no mundo e não se deixam reduzir a nenhuma outra [...]. Mas só um ponto de vista ontológico permite restituir a unidade dessa escolha (BEAUVOIR, 1970, p. 67).



O fio condutor da exposição é o trabalho, entendido enquanto princípio educativo. Por isso, buscamos evidenciar mulheres que, pelo ato de trabalhar em espaços até então não comuns para as mulheres, romperam os padrões socialmente estabelecidos. Focado na relação entre gênero e trabalho, o material que apresentamos compõem uma proposta para a sistematização de exposições em ambiente escolar. Em nosso caso, buscamos chamar a atenção para o lugar da mulher no mundo do trabalho, de modo que ao não mostrar o “lugar comum” objetivamos despertar a curiosidade e a sensibilidade da comunidade escolar para a naturalização de um discurso fundamentado em concepções culturais arraigadas no interior de uma sociedade que é patriarcal nas suas relações de poder, de organização social e nos costumes.



[...] é pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano (BEAUVOIR, 1970, p. 149).



Como já mencionado, o Campus para o qual desenvolvermos a proposta oferta dois cursos de formação profissional técnica de nível médio, na forma subsequente, nas áreas de Enfermagem e Logística². A temática de gênero não é um tema presente entre os conteúdos estruturantes, embora, culturalmente, há uma percepção histórica, que consideramos equivocada, de que a Enfermagem é uma profissão feminina, coisa de mulher, e a Logística, por sua vez, é uma atividade predominantemente masculina. A ausência do debate sobre gênero e sobre a divisão sexual do trabalho na

² Neste ano de 2022, o Campus passou a ofertar o curso de técnico de logística na forma Integrada ao ensino médio (EMI).

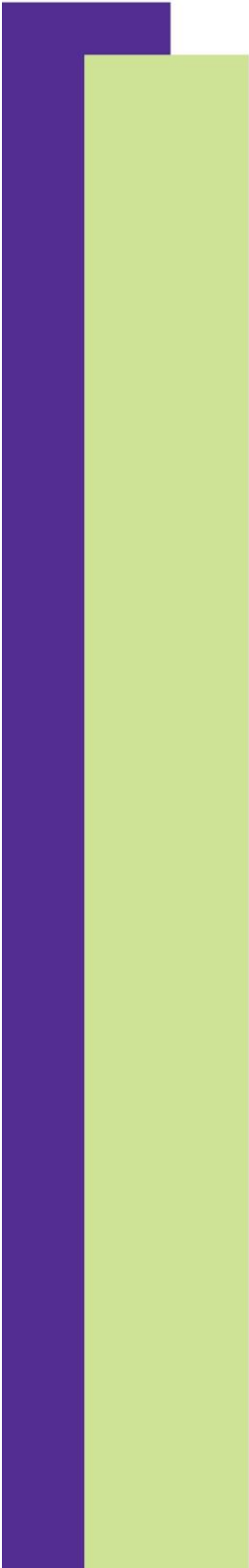
formação desses profissionais naturaliza esse tipo de discurso e reproduz no âmbito da formação profissional técnica de nível médio as desigualdades de gênero arraigadas historicamente em nossa sociedade.

1.3. A pesquisa como princípio pedagógico

A proposta de exposição que sistematizamos, tem como premissa o trabalho de levantamento e sistematização de dados e informações. Ou seja, a pesquisa emerge como princípio pedagógico. Isso significa que o material exposto é fruto de um trabalho de levantamento tanto de produções teóricas/escritas como de imagens, figuras e fotografias já veiculadas em diferentes canais de informação. A escolha por trabalhar com este tipo de material tem como justificativa a conjuntura social e política vivida ao longo dos anos de 2020 e 2021 em decorrência da pandemia de Covid-19.

Foi justamente diante do cenário crescente do uso das redes sociais e da Internet como veículo de comunicação, inclusive as Instituições escolares que foram forçadas a assumir o ensino remoto como alternativa de trabalho que optamos por realizar o levantamento e a seleção dos materiais utilizados na exposição. Sim, poderíamos ter procedido por outro caminho e produzir imagens e fotografias originais, indo ao mundo do trabalho e registrando a presença da mulher em diferentes ambientes laborais e profissões, sobretudo dando ênfase para as profissões da área de enfermagem e logística.

Mas este não foi o caso, optamos por respeitar a condição do *home office* e de ensino remoto sob o qual se deu o desenvolvimento da pesquisa e do produto educacional, inclusive como registro histórico de como os processos educativos e formativos e de como este período impactou nas relações de ensino e na produção da área. Mediante tal escolha, temos consciência de



o PE, sendo uma exposição, poderia ter outro caráter e outros tipos de conteúdo, inclusive produzidos pelos estudantes em uma prática pedagógica mediada para tal fim. Mesmo ciente das possíveis críticas em relação ao “não ter ido a campo” para produzir os materiais, o “não-presencial”, o “assíncrono” foi a condição sobre a qual as relações de ensino foram constituídas nos últimos dois anos. E isso se transfere para o PE que apresentamos.

2 A EXPOSIÇÃO

2.1. O roteiro: etapas de desenvolvimento e organização

A organização de uma exposição no âmbito escolar não demanda de muita estrutura. Afinal, o material final pode ser produzido e sistematizado de diferentes modos, desde um conjunto de cartolinas, passando por impressões em A4 ou em banners (cuja qualidade pode variar) até o desenvolvimento de modelos impressos nas “novíssimas” impressoras 3D. Contudo, o que mais nos interessa é o conjunto de etapas necessários para definir o conteúdo que será produzido/reunido e exposto.

Toda exposição passa por um amplo processo de definições que envolvem a escolha da temática, definição dos objetivos e do material a ser exposto. A esses processos, somam-se a avaliação da estrutura física (espaço), dos materiais de suporte e equipamentos disponíveis (murais, equipamentos de imagem e som, mobiliário, pedestais, etc.) e outros como ferramentas, escadas, etc.

Contar com um grupo de trabalho para a organização da exposição é importante. Não há regras pré-estabelecidas para a composição do grupo que irá organizar a atividade, pois a iniciativa pode partir de um grupo de servidores ligados à projetos de ensino, extensão ou de pesquisa; ou de setores específicos como a Assistência Estudantil, o Apoio Acadêmico ou a Equipe Pedagógica; do mesmo modo, pode ser originada de uma atividade pedagógica promovida por um docente de um componente curricular ou de um grupo de docentes em uma atividade interdisciplinar.

Pensando nisso, propomos um roteiro que divide o trabalho de organização, sistematização e execução de uma exposição em quatro fases: 1) planejamento; 2) preparação e montagem; 3) exposição; 4) avaliação.

2.1.1 O planejamento

A fase de **planejamento** estende-se do momento em que se tem a inspiração inicial, aquele lampejo criativo, até à visualização da exposição, passando pela constituição da equipe de trabalho e da realização de encontros de diálogo e amadurecimento da proposta. Esse processo pode seguir as seguintes etapas:

- 1 Definição da temática e do objetivo da exposição;
- 2 Realização de uma pesquisa de base para conhecer de modo amplo e geral a temática escolhida;
- 3 Definição do tipo de material a ser exposto, tendo sempre em vista o objetivo da exposição;

Nessa fase, a pesquisa emerge como um princípio educativo (seja como recurso de trabalho, seja como instrumento de aprendizado). Como indicação sugerimos que essas etapas sejam executadas de modo colaborativo e participativo, pois o engajamento das partes envolvidas influencia diretamente no resultado obtido.

2.1.2 A preparação e a montagem

A organização de uma exposição no âmbito A fase de **preparação e montagem** da exposição é dedicada a produção/seleção dos materiais que serão expostos e a criação das condições para que a exposição se realize. Ela pode ser dividida em três etapas:

- 1 Definição do tipo de material a ser exposto (levando em consideração a temática e o objetivo da exposição);
- 2 Produção/seleção do material;
- 3 Avaliação das condições materiais necessárias para a exposição dos materiais;
- 4 Montagem da exposição;

A definição do tipo de material a ser exposto é crucial, pois eles irão variar de acordo com a temática e o objetivo da exposição, podendo ser registros escritos, fotográficos, de som ou imagem (fotos, vídeos, curtas metragens, sons da natureza, músicas etc.), entre tantos outros possíveis. A definição do tipo de material é imprescindível, tanto para selecionar materiais já existentes como para produzir materiais.

Embora tenhamos listado a ordem das etapas, este ordenamento parte das condições ideais, inclusive de recursos econômicos, o que geralmente não é o caso. Por isso, não raro as etapas II e III são realizadas em conjunto ou, até mesmo, avalia-se antes as condições materiais disponíveis para então definir o tipo de material que pode ser exposto e realizar a mediação pedagógica (Identificação das peças e dos autores e, se preferir, breves reflexões

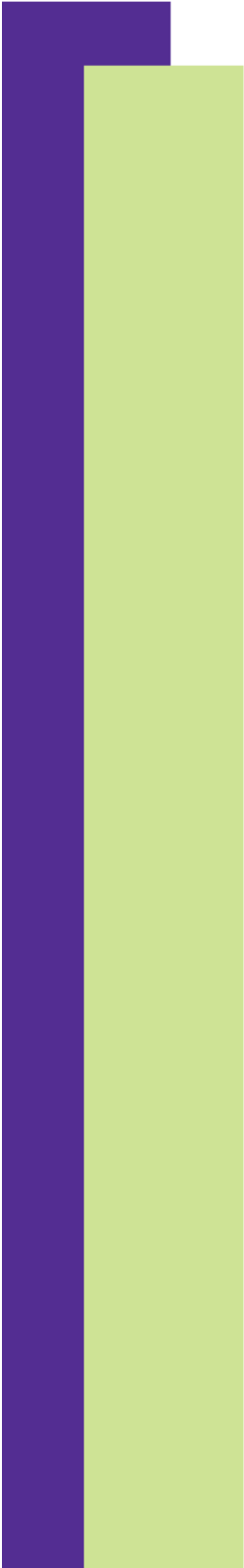
ou informações que liguem a peça à temática). É a partir dessas definições que tem início o trabalho de produção das peças ou a busca ativa pelo material a ser exposto, sendo que um processo não exclui o outro já que ambos demandarão a mediação pedagógica.

Novamente, a pesquisa figura como elemento de apoio ao processo de preparação da exposição, pois é necessário conhecer cada peça e seu conteúdo para realizar a mediação pedagógica e para definir as condições necessárias para que o material seja exposto e o tempo que ele ficará em exibição; é necessário, também, conhecer e visitar o espaço para pensar enquadramentos e identificar ferramentas (escadas, martelos, tesouras, chaves, etc.) e outros materiais necessários para a montagem da exposição.

A montagem da exposição é sempre a etapa mais movimentada, trabalhosa e divertida. Ela é o coroamento das etapas anteriores, pois não são produzidas coisas novas, é o momento em que cada peça da exposição é colocada no seu devido lugar, cercada pelos tratamentos e cuidados já providenciados. Por isso, esteja atento ao tempo necessário para montar a exposição. No geral as exposições em ambiente escolar tendem a ter uma montagem rápida, que não se estende mais do que 30 a 60 minutos.

2.1.3 A exposição e a avaliação

Montada a exposição, pouco temos a fazer, pois agora cabe ao público visitante (que podem ser os estudantes na hora do intervalo) apreciar. Recomenda-se realizar sempre uma abertura por meio de uma cerimônia. Essa é mais para os envolvidos do que para o público visitante, afinal, a exposição permanece pelo tempo definido e o fluxo de pessoas é livre. É importante criar algum tipo de registro do público que teve contato com a exposição, com informações básicas como a cidade de origem.



Este tipo de recurso (o livro de presenças) pode ficar disponível e ser assinado por demanda individual. Ele é um recurso valioso para medir o número de pessoas que circularam por aquele espaço e tiveram contato com o material exposto. Desse ponto, coletar o e-mail é interessante, pois ele permite enviar, posteriormente, um formulário para que avaliem a exposição. Outra possibilidade é que a avaliação pode ser realizada em loco, pela equipe que organiza mediante a realização de entrevistas com o público visitante. Planejem com atenção e cuidado a avaliação, pois ela é um recurso valioso para justificar a realização de outras exposições, inclusive para angariar fundos e verbas para aprimorar o trabalho.

2.2. A exposição: a mulher no mundo do trabalho

A exposição **A mulher no mundo do trabalho** foi pensada tendo como objetivo evidenciar a relação entre gênero e trabalho, a partir da exposição de materiais que retratem/tratem do lugar da mulher no mundo do trabalho. De certo modo, o roteiro proposto tem como mote sensibilizar a comunidade escolar do Ifal, tanto os educadores como os estudantes de que a formação profissional não pode se limitar a transmissão de técnicas para o exercício profissional. Para realizarmos uma formação integral, as novas gerações de trabalhadores devem, necessariamente, passar por uma formação humanística que promova a reflexão sobre a condição ontológica que o trabalho assume em nossas vidas e de como ele influencia a formação de concepções de mundo, de valores e do modo como concebemos e compreendemos o lugar da mulher (o nosso próprio lugar) no mundo.

A exposição é mediada pelo vigoroso pensamento de Simone de Beauvoir (1908-1986). Sobretudo em suas reflexões sobre a mulher e o trabalho na obra *O segundo sexo*, comumente dividida em dois volumes: Vol 1 – Fatos e Mitos; Vol 2 – Experiência vividas. Francesa, natural de Paris, Beauvoir é uma representante do pensamento existencialista francês, ao lado de Jean Paul Sartre. Seu pensamento e seus escritos influenciaram o movimento feminista mediante uma profunda reflexão sobre o papel da mulher na sociedade e de como as transformações históricas influenciam no modo como a mulher se posiciona no mundo do trabalho e como ela é vista socialmente em função disso (BOUCHARDEAU, 2020).

Beauvoir esteve no Brasil no ano de 1960 acompanhada de Jean Paul Sartre. Daniela Lima (2015) fez um relato histórico daquele momento, destacando a Conferência sobre o feminismo, proferida pela filósofa francesa na Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro. Ela enfatiza o tom da cobertura que a imprensa nacional fazia da visita de Beauvoir e Sartre pelo Brasil, uma cobertura que evidencia as relações de gênero e a submissão da mulher as ações do homem. Como resultado, se para Sartre há uma documentação volumosa de sua passagem pelo Brasil, o mesmo não se pode dizer das atividades de Beauvoir em território brasileiro.

Ao confeccionar as composições e evocar as reflexões da filósofa francesa como subsídio para a interpretação das imagens, que são partes de publicações disponíveis em ambiente virtual e em veículos de informação de diferentes naturezas, não queremos direcionar a compreensão e as interpretações, mas problematizar o lugar comum que a mulher e o trabalho feminino ocupam no imaginário popular e na cultura hegemônica.

Composição 1

Título da composição: **A Mulher Intelectual – Simone de Beauvoir em Conferência na Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro**

Data da Imagem: 1960

Créditos da imagem: Blog da Boitempo (LIMA, 2015).

Citação: “Os países latinos, como os países orientais, oprimem a mulher pelo rigor dos costumes mais do que pelo rigor das leis” (BEAUVOIR, 1970, p. 164).

A imagem foi extraída do texto **A mulher é um devir histórico: rastros de Beauvoir no Brasil**, assinada por Daniele Lima (2015) e veiculada pelo Blog da Boitempo. Daniele faz uma reflexão sobre como a cobertura da passagem de Simone de Beauvoir e Jean Paul Sarte pelo Brasil e que a colocava em uma condição de submissão em relação à Sartre.

A escolha da imagem de Beauvoir ministrando uma Conferência na Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro busca contrapor a visão que submete a mulher a figura do homem e que a valoriza como intelectual, como profissional, como professora universitária. É nesse mote que a exposição busca correlacionar imagens extraídas do mundo do trabalho com o pensamento de Beauvoir, de modo a evidenciar o trabalho como princípio formativo e como meio de emancipação feminina e conquista da liberdade.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo (I): fatos e mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

LIMA, Daniele. A mulher é um devir histórico: rastros de Beauvoir no Brasil. **Blog da Boitempo**. Rio de Janeiro, Set. 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/09/08/a-mulher-e-um-devir-historico-rastros-de-beauvoir-no-brasil/#prettyPhoto>. Acesso em 15/05/2021.

Composição

1



**A Mulher
Intelectual –
Simone de
Beauvoir em
Conferência na
Faculdade
Nacional de
Filosofia no Rio
de Janeiro
(1960)**



Os países latinos, como os países orientais, oprimem a mulher pelo rigor dos costumes mais do que pelo rigor das leis.

(BEAUVOIR, 1970, p. 449)

Fonte da imagem: Blog da Boitempo (LIMA, 2015)

Composição 2

Título da composição: **Mulher na indústria metalúrgica**

Data da Imagem: 2010

Créditos da imagem: G1 – Globo.com (BOKEL, 2010)

Citação: “[...] uma das conseqüências da revolução industrial é a participação da mulher no trabalho produtor: nesse momento as reivindicações feministas saem do terreno teórico, encontram fundamentos econômicos; seus adversários fazem-se mais agressivos” (BEAUVOIR, 1970, p. 17).

A imagem foi extraída da reportagem **Um toque feminino no trabalho pesado de uma metalúrgica**, assina por Alfredo Bokel (2010) e que, veiculada no portal G1, do Globo.com. Bokel destaca que, naquele momento, “Dos 7,2 mil funcionários da indústria, 450 são mulheres, pouco mais de 6%. Elas atuam principalmente em inspeções, auditorias e operações de usinagem”.

A escolha da Imagem tem como mote provocar a reflexão sobre a problemática da força física, já que os avanços técnicos e tecnológicos permitem a substituição da força humana com o uso da tecnologia. O uso de máquinas e tecnologias possibilitou que as mulheres superassem as barreiras impostas pela tradicional organização do trabalho e pelo modo de trabalho pautado pela força física e, ao ocupar espaços antes exclusivos dos homens, caminhassem em direção à liberdade, a emancipação social e econômica.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo (I): fatos e mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BOKEL, Alfredo. Um toque feminino no trabalho pesado de uma metalúrgica. G1 – Globo.com. JN no AR, Set. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/jnnoar/2010/09/14/um-toque-feminino-no-trabalho-pesado-de-uma-metalurgica/>. Acesso em 15/11/2021.

Composição

2



Mulher na indústria metalúrgica (2010)



[...] uma das conseqüências da revolução industrial é a participação da mulher no trabalho produtor: nesse momento as reivindicações feministas saem do terreno teórico, encontram fundamentos econômicos; seus adversários fazem-se mais agressivos.

(BEAUVOIR, 1970, p. 17)

Fonte da imagem: G1 - Globo.com. (BOKEL, 2010)

Composição 3

Título da composição: **Mulher na construção civil**

Data da Imagem: 2018

Créditos da imagem: Blog do Instituto da Construção (INSTITUTO, 2018).

Citação: “Foi pelo trabalho que a mulher diminuiu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta” (BEAUVOIR, 1970, p.449).

A imagem foi extraída do texto **Cresce o número de mulheres na construção civil** veiculado Blog do Instituto da Construção (INSTITUTO, 2018). O texto, de 2018, informava que “Nos últimos dez anos, o Ministério do Trabalho e Emprego estima que a absorção de mulheres pelo mercado da construção civil cresceu quase 50%, e que mais de 200 mil mulheres já trabalham com a construção civil hoje no Brasil” e que “apenas 30% dos acadêmicos de Engenharia Civil são mulheres. Depois de formadas, estas profissionais recebem até 19% a menos do que um engenheiro homem desempenhando exatamente a mesma função”.

A imagem escolhida descaracteriza a noção de “trabalho pesado” (enquanto força viril, não enquanto cansaço) presente na construção civil. Lá também há espaço para habilidades que estão para além da força e que demandam delicadeza, leveza, precisão e capricho.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo** (I): fatos e mitos. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

INSTITUTO da Construção. Cresce o número de mulheres na construção civil. **Blog do Instituto da Construção**. São José do Rio Preto, 2019. Disponível em: <https://www.institutodaconstrucao.com.br/blog/cresce-o-numero-de-mulheres-na-construcao-civil/>. Acesso em 13/12/2021

Composição

3



**Mulher na
construção
civil
(2018)**



Foi pelo trabalho que a mulher diminuiu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta.

(BEAUVOIR, 1970, p. 449)

Fonte da imagem: Instituto da Construção (INSTITUTO, 2019)

Composição 4

Título da composição: **Mulher na oficina**

Data da Imagem: 2020

Créditos da imagem: O Mecânico (Lima, 2020).

Citação: "O fato que determina a condição atual da mulher é a sobrevivência obstinada [...] das tradições mais antigas. É o que não percebem os observadores apressados que estimam ser a mulher inferior às possibilidades que lhe são oferecidas, ou que só vêm nessas possibilidades tentações perigosas" (BEAUVOIR, 1970, p. 175).

A imagem foi extraída do texto **Mulher na oficina virou realidade, veiculado na revista eletrônica "O mecânico"** e assinado por Raycia Lima (2020) O texto trata das mudanças tecnológicas do setor automotivo e da presença crescente de mulheres a partir da entrevista com diversas profissionais que atuam no ramo e destaca que "As três mecânicas [entrevistadas] comentam que é necessário de uma vez por todas desmistificar a ideia de que as mulheres não são capazes de serem tão boas quanto os homens na área automotiva e mostrar a outras mulheres que a manutenção automotiva pode ser tão encantadora quanto qualquer outra área".

A imagem selecionada nos permite refletir sobre o "não lugar" da mulher no mundo do trabalho. Certamente, a oficina mecânica figura como um deles. A mulher não é vista como profissional mecânica, pode ser secretária, responsável pela limpeza, mas pela mecânica não. Na realidade, o lugar comum da mulher na oficina é na parede, nas páginas dos calendários, como objeto do desejo. É contrapondo a esse tipo de visão que propomos selecionamos a imagem 4.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo (I): fatos e mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

LIMA, Raycia. Mulher na oficina virou realidade. **O Mecânico**. São Paulo, Mar. 2020. Disponível em: <https://omecanico.com.br/especial-mulher-na-oficina-virou-realidade/>. Acesso em 15/11/2021.

Composição

4

Mulher na oficina (2020)



O fato que determina a condição atual da mulher é a sobrevivência obstinada [...] das tradições mais antigas. É o que não percebem os observadores apressados que estimam ser a mulher inferior às possibilidades que lhe são oferecidas, ou que só vêem nessas possibilidades tentações perigosas.

(BEAUVOIR, 1970, p. 175)

Fonte da imagem: O mecânico (LIMA, 2020)

Composição 5

Título da composição: **Mulheres na logística da indústria de cosméticos**

Data da Imagem: 2020

Créditos da imagem: Blog da Delage (DELAGE, 2020).

Citação: “Abrem-se as fábricas, os escritórios, as faculdades às mulheres, mas continua-se a considerar que o casamento é para elas uma carreira das mais honrosas e que a dispensa de qualquer outra participação na vida coletiva” (BEAUVOIR, 1970, p. 175).

A imagem foi extraída do texto **Mulheres no comando da logística: entrevista com Suelen Bellinassi, gerente de Logística da Jequití** (DELAGE, 2020). A entrevista trata da aproximação da gerente de logística com a área, sobre as relações de poder com os homens sob sua liderança, sobre os resultados de seu trabalho como gerente de logística da empresa e sobre a abertura do setor de logística para as mulheres. Sobre isso ela destaca que as “Empresas e marcas estão cada vez mais aderindo a neutralidade de gênero e, aos poucos, os rótulos vão caindo por terra”. Mas enfatiza que “parte importante da mudança começa em nós, ou seja, é fundamental que as profissionais estejam igualmente engajadas na causa e lutando por essa mudança”.

A escolha da imagem busca retratar essa perspectiva da condição de intelectual e dirigente assumida pela mulher, pois ela é a mais emblemática. Buscamos colocar em evidência não só a presença da mulher no campo da logística, mas, também, a sutileza das diferenças do código de vestuário na hierarquia e na estrutura da empresa, colocando em evidência que a mulher pode estar em todos os espaços da cadeia produtiva, da gerência à estocagem e a reposição, inclusive em profissões tidas masculinas como a logística.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo (II): a experiência vivida**. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

DELAGE. Mulheres no comando da logística: entrevista com Suelen Bellinassi, gerente de Logística da Jequití. **Blog da Delage**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://delage.com.br/news/mulheres-no-comando-da-logistica-entrevista-com-suelen-bellinassi-gerente-de-logistica-da-jequit/>. Acesso, 18/12/2021.

Composição

5



Mulheres na logística (2020)



Abrem-se as fábricas, os escritórios, as faculdades às mulheres, mas continua-se a considerar que o casamento é para elas uma carreira das mais honrosas e que a dispensa de qualquer outra participação na vida coletiva.

(BEAUVOIR, 1970, p. 175)

Fonte da imagem: Delage (DELAGE, 2020)

À GUISA DE CONCLUSÃO

Toda ação educativa é uma relação de hegemonia e um ato político

Na última década, de modo mais acentuado nos últimos anos, vimos emergir do cenário político e social um movimento de reação à consolidação dessa concepção de educação e ensino pensada em uma perspectiva educativa emancipatória e voltada para a formação humana e intelectual. A que pese possíveis contradições, esse movimento reacionário está amparado em um discurso conservador dos costumes e voltado à consolidação da hegemonia do bloco econômico dirigido pelo capital especulativo.

Esse grupo tem defendido uma educação escolar utilitarista, politicamente neutra e direcionada para a instrumentalização técnica dos trabalhadores, para o atendimento das demandas imediatas e passageiras do mercado de trabalho e da organização do sistema produtivo. Esse movimento, como bem analisou Acácia Kuenzer (2020), manteve sua capacidade de estabelecer alianças e por elas impôs, mais uma vez, ao campo da educação e do ensino, ajustes nos sistemas escolares de modo a garantir a manutenção das estruturas básicas do sistema de capital e da acumulação flexível.

Na defesa da instrumentalização técnica, foram desferidos ataques às concepções políticas de educadores e professores. Levantando a bandeira da neutralidade política da escola e do ensino, por meio do movimento Escola sem Partido, fez-se uma campanha que caricaturou os profissionais da educação, e de modo geral os os servidores públicos, como inimigos do povo e

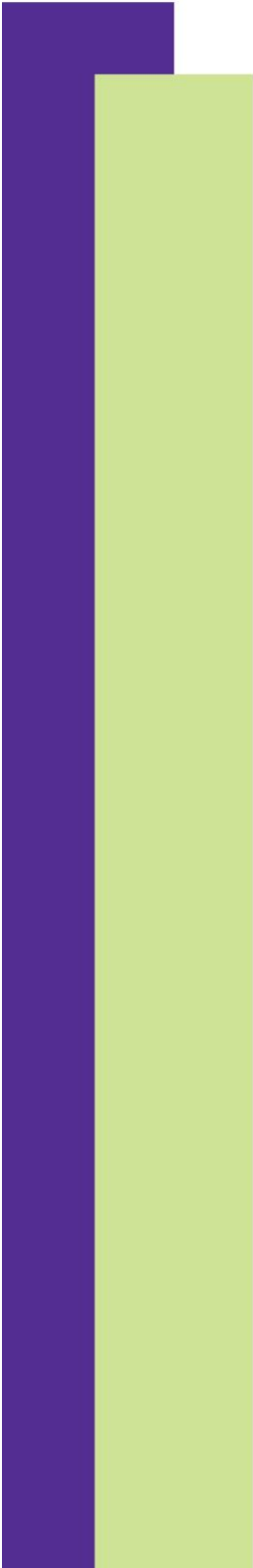
da nação³. Entranhando-se no âmbito do ensino, esse movimento chegou a se materializar em Leis aprovadas no âmbito dos Legislativos Estaduais, como a Lei n. 7800 de 5 de maio de 2016, que instituiu, no âmbito do Sistema Estadual de Ensino de Alagoas, o Programa “Escola Livre”⁴, um esforço coordenado de manutenção de uma hegemonia no âmbito dos costumes e da cultura.

Dentre os aspectos que emergiram desse movimento, está a tentativa de coibir o ensino de temas relativos as questões de gênero, assim como de outros ligados às ciências humanas. Por si, a proposição de tal iniciativa é, ao contrário do que querem fazer pensar, um ato político, uma ação deliberada com vistas a defesa e a consolidação de uma concepção de mundo, de uma ideologia. Conceber que todo ato educativo é permeado por uma ação política, ao mesmo tempo em que toda ação política contém em si uma ação educativa, é uma perspectiva de análise que marcou as reflexões sobre a educação escolar no Brasil, sobretudo a partir da década de 1980 e a qual, os reacionários, procuram se afastar ao defender a neutralidade do ensino.

Extraída do pensamento gramsciano, a noção de que os processos formativos são portadores de uma concepção política de mundo coloca em evidência que não há neutralidade política no ato

³ Para entender a problemática do movimento Escola sem Partido em uma perspectiva crítica recomendamos a leitura dos livros **Escola sem Partido ou a escola da mordada e do Partido único a serviço do capital**, organizado por Eraldo Leme Batista, Paulino José Orso e Carlos Lucena (2019) e **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira** organizado por Gaudêncio Frigotto (2017).

⁴ Aprovada por unanimidade pelo Legislativo Estadual a lei 7800/2016 recebeu o veto por parte do Executivo Estadual. O veto foi derrubado pelo Legislativo, o que fez aumentar pressão social exercida por profissionais da educação e do ensino e estudantes tanto da Rede Estadual como da Rede Federal contra a instituição do Programa Escola Livre. A questão da liberdade do ensino e a suposta neutralidade política do ensino passou a ser objeto de análise do sistema judiciário e o caso acabou nas mãos do Supremo Tribunal Federal (STF) para julgar a constitucionalidade ou não. O STF analisou a matéria e atuou de modo a garantir os preceitos fundamentais da constituição brasileira, dentre eles os níveis de competência na legislação do ensino no País, a cargo da União e não dos Estados. Assim, após pouco mais de um ano de sua aprovação, o STF suspendeu a famigerada Lei e a aplicação do “Programa Escola Livre” em Alagoas. Para o entendimento do processo de aprovação da Lei 7800 de 05 de maio de 2016 recomenda-se a leitura do artigo **O Programa Escola Livre em Alagoas, a crise da acumulação do capital e o fortalecimento da direita política brasileira** (HERMIDA; LIRA, 2018).



de educar. Pois toda ação pedagógica contém em si uma relação de hegemonia. É pelo ensino, ou seja, pela transmissão de experiências e valores historicamente constituídos que as gerações mais velhas transmitem às novas gerações a sua concepção de mundo e que os grupos dominantes consolidam sua hegemonia (GRAMSCI, 1999). Por sua vez, ao passo de que a educação escolar tem como fim transmitir os saberes historicamente produzidos, ao valorizar a filosofia e a ciência moderna, não raro os educadores acabam por confrontar concepções de mundo fundamentadas em outras bases, como a religiosa.

Não se trata de negar uma ou outra (religião x ciência), mas de ter clareza da natureza dialética presente no interior das Instituições escolares. Pois, a concepção de educação que fundamenta a ação de um ou de outro grupo de educadores não é neutra, uma escola confessional é embasa por uma concepção religiosa de mundo que, de certo modo, conflita com determinadas concepções científicas, seja das ciências naturais, seja das ciências humanas; do mesmo modo, fundamentos de uma escola laica tendem a conflitar com determinadas concepções religiosas. A beleza da lógica dialética desse processo está nas relações entre teses e antíteses e nas sínteses, que consolidam os avanços e os apresentam como novas teses.

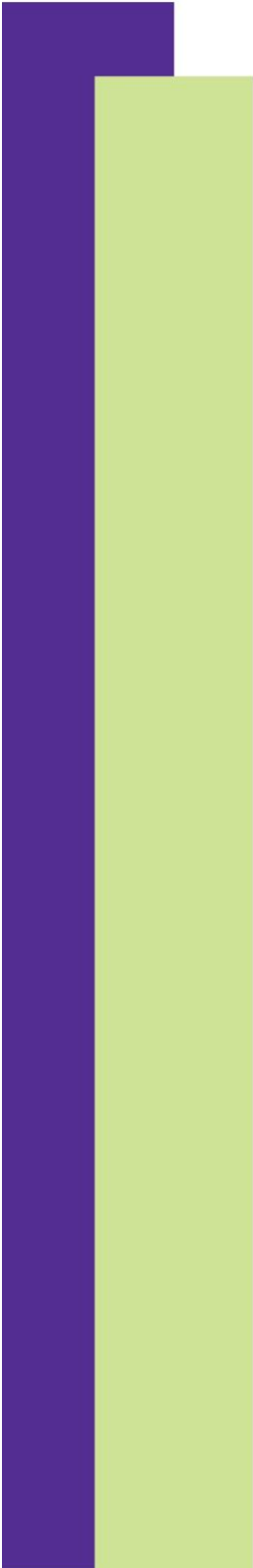
No interior dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) não é diferente. No caso do Instituto Federal de Alagoas, por exemplo, uma Instituição que possui uma história centenária e na qual convivem profissionais da educação com concepções de mundo distintas, os embates são constantes. Eles dizem respeito ao papel social da Instituição e sobre a natureza da formação escolar no âmbito da educação profissional. Isso significa que há grupos de profissionais que pensam a formação profissional do técnico de nível médio nos moldes das tendências pedagógicas tradicionais ou tecnicistas e grupos que detém uma concepção

educativa mais progressista.

Essa condição dialética se materializa nos movimentos internos, nas comissões, nas práticas pedagógicas individuais e na elaboração dos currículos escolares dos cursos técnicos, tanto na forma integrada como na forma subsequente. Esse movimento, define temas, elenca prioridades no processo formativo e estabelece o que é necessário ou não para a formação profissional de um técnico de nível médio. Historicamente, na EP e na formação dos trabalhadores, a transmissão de técnicas profissionais, de ofício, se impôs ao processo de formação humana. O ensino e as práticas pedagógicas, assim como os currículos, têm como ponto central a transmissão e o domínio de saberes e técnicas necessárias ao exercício profissional. E não deveria ser de outra forma. Entretanto, não raro, predomina uma visão pragmatista, tecnicista que despreza a formação humanística e considera as ciências humanas inferiores, até mesmo dispensáveis e que, no processo de formação profissional desconsidera o trabalho como princípio educativo.

Uma vez que olhamos para a educação escolar em sua integração com a formação profissional, com a formação de trabalhadores, não podemos deixar de conceber o trabalho como uma categoria central do processo formativo. Deste ponto, João Matheus S. Miranda (2019) chama atenção para o fato de que o conceito de gênero é uma categoria essencial para a reconfiguração do mundo do trabalho. Segundo ele, o debate sobre a relação gênero-trabalho não pode ser adiado e colocá-lo às vistas demonstra que estamos cientes à demandas e pautas que há décadas fazem parte do cotidiano. Neste sentido, não podemos deixar de perceber que um processo formativo que tem como premissa a formação integral dos sujeitos, deixe de pensar o trabalho pela ótica das relações de gênero e pela divisão sexual do trabalho.

Helena Hirata (2018) chama atenção para a centralidade do trabalho como categoria explicativa da realidade sendo possível ler na divisão sexual do trabalho profissional e do trabalho doméstico a



divisão sexual do poder. Quando pensamos a EPT e a formação profissional técnica de nível médio, identificar o esvaziamento das reflexões humanas sobre o processo de trabalho em favor do conhecimento técnico faz parte desse processo de naturalização das relações de poder entre os sexos e, inclusive, da caracterização do lugar da mulher nos espaços de trabalho.

Por isso, diante da ausência de espaços nos currículos para tratar de temas como gênero, exploramos outros espaços educativos que não aquele da sala de aula. Na busca por garantir uma formação profissional mediada pela educação para o trabalho, numa perspectiva emancipatória e que promova a autonomia dos sujeitos não esperamos que sejam desenvolvidos trabalhos grandiosos, exposições grandiosas. Esperamos que sejam explorados os micros-espços, como os murais nos corredores e nas salas de aula. Pois assim também é possível desenvolver atividades que eduquem a comunidade escolar, que ampliem os horizontes e evidenciem o valor da formação omnilateral, em favor da emancipação e contra a alienação.

Como já enunciamos, colocar às vistas determinados temas é uma escolha política. A multiplicidade de temas e a perspectiva de uma ampla formação humanística, que dilate a espectro cultural dos estudantes, nos ampara na escolha de vencer barreiras e preconceitos, de superar o senso comum que limita a compreensão das mais diferentes questões, começando com as de gênero, muitas vezes limitadas à espectros biológicos que desconsideram os aspectos sociais.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Eraldo Leme; ORSO, Paulino José; LUCENA, Carlos (Orgs.). **Escola sem partido ou a escola da mordaza e do partido único a serviço do capital**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo (II): a experiência vivida**. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo (I): fatos e mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BOUCHARDEAU, Huguette. **Simone de Beauvoir: a biografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

BOKEL, Alfredo. Um toque feminino no trabalho pesado de uma metalúrgica. G1 – Globo.com. JN no AR, Set. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/jnnoar/2010/09/14/um-toque-feminino-no-trabalho-pesado-de-uma-metalurgica/>. Acesso em 15/11/2021.

DELAGE. Mulheres no comando da logística: entrevista com Suelen Bellinassi, gerente de Logística da Jequiti. **Blog da Delage**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://delage.com.br/news/mulheres-no-comando-da-logistica-entrevista-com-suelen-bellinassi-gerente-de-logistica-da-jequiti/>. Acesso, 18/12/2021.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, Volume 1: introdução ao estudo da filosofia, a filosofia de Benedetto Croce. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HERMIDA, José Fernando; LIRA, Jailton de Souza. O Programa Escola Livre em Alagoas, a crise da acumulação do capital e o fortalecimento da direita política brasileira. **Revista Exitus**. Santarém, v. 8, n. 1, p. 141-170, Jan./Abr., 2018. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/393/304>. Acesso 15/08/2021.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

HIRATA, Helena. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. **Trabalho Necessário**. Rio de Janeiro, ano 16, n. 29, p. 14-27, 2018. Disponível em <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4552/4195>. Acesso em 25/07/2021.

INSTITUTO da Construção. Cresce o número de mulheres na construção civil. **Blog do Instituto da Construção**. São José do Rio Preto, 2019. Disponível em: <https://www.institutodaconstrucao.com.br/blog/cresce-o-numero-de-mulheres-na-construcao-civil/>. Acesso em 13/12/2021

KUENZER, Acácia Zeneida. **Ciência & Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p.57-66, 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csc/a/WDrjPv8s6s9X5Y63PWG3VgJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15/05/2021.

LIMA, Daniele. A mulher é um devir histórico: rastros de Beauvoir no Brasil. **Blog da Boitempo**. Rio de Janeiro, Set. 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/09/08/a-mulher-e-um-devir-historico-rastros-de-beauvoir-no-brasil/#prettyPhoto>. Acesso em 15/05/2021.

LIMA, Raycia. Mulher na oficina virou realidade. **O Mecânico**. São Paulo, Mar. 2020. Disponível em: <https://omecanico.com.br/especial-mulher-na-oficina-virou-realidade/>. Acesso em 15/11/2021.

MIRANDA, João Matheus Soares. Reconfiguração do mundo do trabalho: o gênero como categoria essencial ao debate. **Novos Rumos Sociológicos**. Pelotas, v. 8, n. 13, p. 171-191, Jan/Jun, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/NORUS/article/download/17774/11685>. Acesso em 16/12/2020.



APÊNDICE B - Questionário - Técnicos Administrativos

As respostas sinceras que apresentarão, nesta avaliação, serão muito importantes para o desenvolvimento da investigação “UMA ANÁLISE SOBRE A REPRODUÇÃO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NOS CURSOS TÉCNICOS SUBSEQUENTES DE LOGÍSTICA E DE ENFERMAGEM: SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO INTEGRAL”.

Contamos com a sua colaboração; ao tempo em que, antecipadamente, agradecemos-lhe a disponibilidade.

Mestranda Lindinalva da Silva Santos Profa. Dra. Géssika Cecília Carvalho da Silva

1- Há quanto tempo você trabalha no IFAL? _____

2- Já trabalhou em outras escolas antes? () Sim () Não

Se sim, por quanto tempo? _____

3- Hoje observamos vários debates, polêmicas e discussões sobre questões de gênero. Sendo assim:

Pra você, o que é gênero?

4- Pra você, qual a diferença entre gênero e sexo?

5- Você já percebeu alguma situação que envolve questões de gênero durante sua rotina técnica administrativa? () Sim () Não

Se sim, descreva a situação:

6- Você já percebeu alguma situação que envolve questões de gênero no seu setor de lotação do IFAL Campus Benedito Bentes? () Sim () Não

Se sim, descreva a situação:

7- Você acha que é importante discutir gênero em sala de aula, mesmo não sendo conteúdo específico dos Cursos Técnicos Subsequentes de Logística e de Enfermagem? () Sim () Não

Por que?

8- Você acha que existe alguma relação entre o curso Técnico em Logística e de Enfermagem e as questões de gênero?

() Sim () Não

Se sim, quais relações?

9- Você acha que existem restrições no mercado de trabalho ao profissional de Logística do sexo feminino?

() Sim () Não Por que?

10- Você acha que existe restrições no mercado de trabalho ao profissional de Enfermagem do sexo masculino?

() Sim () Não Por que?

APÊNDICE C - Questionário Docentes – Curso de Enfermagem

As respostas sinceras que apresentarão nesta avaliação, serão muito importantes para o desenvolvimento da investigação “UMA ANÁLISE SOBRE A REPRODUÇÃO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NOS CURSOS TÉCNICOS SUBSEQUENTES DE LOGÍSTICA E DE ENFERMAGEM: SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO INTEGRAL”.

Contamos com a sua colaboração; ao tempo em que, antecipadamente, agradecemos-lhe a disponibilidade.

Mestranda Lindinalva da Silva Santos Profa. Dra. Géssika Cecília Carvalho da Silva

1- Há quanto tempo você trabalha no IFAL? _____ 2- Já trabalhou em outras escolas antes? () Sim () Não

Se sim, por quanto tempo? _____

3- Hoje observamos vários debates, polêmicas e discussões sobre questões de gênero. Sendo assim:

Pra você, o que é gênero?

4- Pra você, qual a diferença entre gênero e sexo?

5- Você já percebeu alguma situação que envolve questões de gênero durante sua aula?

() Sim () Não

Se sim, descreva a situação:

6- Você já percebeu alguma situação que envolve questões de gênero no Curso Técnico Subsequente de Enfermagem do IFAL Campus Benedito Bentes? () Sim () Não

Se sim, descreva a situação:

7- Você acha que é importante discutir gênero em sala de aula, mesmo não sendo conteúdo específico da sua disciplina? () Sim () Não

Por que?

8- Você acha que existe alguma relação entre o Curso Técnico de Enfermagem e as questões de gênero?

() Sim () Não

Se sim, quais relações?

9- Você acha que existem restrições no mercado de trabalho ao profissional Técnico de Enfermagem do sexo feminino? () Sim () Não

Por que?

APÊNDICE D - Questionário Docentes – Curso de Logística

As respostas sinceras que apresentarão, nesta avaliação, serão muito importantes para o desenvolvimento da investigação “UMA ANÁLISE SOBRE A REPRODUÇÃO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NOS CURSOS TÉCNICOS SUBSEQUENTES DE LOGÍSTICA E DE ENFERMAGEM: SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO INTEGRAL”.

Contamos com a sua colaboração; ao tempo em que, antecipadamente, agradecemos-lhe a disponibilidade.

Mestranda Lindinalva da Silva Santos Profa. Dra. Géssika Cecília Carvalho da Silva

1- Há quanto tempo você trabalha no IFAL? _____ 2- Já trabalhou em outras escolas antes? () Sim () Não

Se sim, por quanto tempo? _____

3- Hoje observamos vários debates, polêmicas e discussões sobre questões de gênero. Sendo assim:

Pra você, o que é gênero?

4- Pra você, qual a diferença entre gênero e sexo?

5- Você já percebeu alguma situação que envolve questões de gênero durante sua aula?

() Sim () Não

Se sim, descreva a situação:

6- Você já percebeu alguma situação que envolve questões de gênero no curso técnico de Logística do IFAL Benedito Bentes? () Sim () Não

Se sim, descreva a situação:

7- Você acha que é importante discutir gênero em sala de aula, mesmo não sendo conteúdo específico da sua disciplina? () Sim () Não

Por que?

8- Você acha que existe alguma relação entre o curso técnico em Logística e as questões de gênero?

() Sim () Não

Se sim, quais relações?

9- Você acha que existem restrições no mercado de trabalho ao profissional de Logística do sexo feminino?

() Sim () Não Por que?

APÊNDICE E – Formulário de avaliação de Produto Educacional do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT): “O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero”.

Pesquisa de Mestrado

O (a) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da avaliação do Produto Educacional “**O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero**”, da Sra. Lindinalva da Silva Santos e do Sr. Jarbas Mauricio Gomes.

1. Endereço de e-mail.

2. Declaro que aceito participar desse processo de avaliação.

() Concordo em participar.

() Não quero participar.

3. Identificação do/a avaliador/a

() Docente do Curso de Enfermagem.

() Docente do Curso de Logística.

() Técnico Administrativo

4. Idade

5. Escolaridade

() Ensino Médio

() Graduação

() Especialização

() Mestrado

() Doutorado

() Pós-Doutorado

6. O produto educacional intitulado “O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero” tem o objetivo de apresentar uma proposta de prática educativa que possibilite o trabalho de temas que não estão contemplados no currículo escolar dos cursos técnicos de nível médio, em especial naqueles ofertados

na forma de cursos subsequentes. Considerando o objetivo, o conjunto de instruções e orientações apresentadas ao longo do produto permitem reproduzir e/ou organizar exposições educativas para trabalhar o tema proposto que é a relação entre gênero e trabalho?

- Concordo plenamente
- Concordo parcialmente
- Não concordo nem discordo (neutro)
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

7. Ainda em relação ao objetivo do Produto educacional, você considera que o conjunto de instruções e orientações apresentadas ao longo do produto permitem reproduzir e/ou organizar exposições educativas para trabalhar outras temáticas de interesse da EPT ou dos componentes curriculares dos cursos técnicos?

- Concordo plenamente
- Concordo parcialmente
- Não concordo nem discordo (neutro)
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

8. O produto educacional é destinado aos servidores (docentes e TAEs) que buscam estratégias para desenvolver atividades educativas no âmbito da EPT. Tendo em vista essa condição, a linguagem utilizada no PE é clara e objetiva?

- Concordo plenamente
- Concordo parcialmente
- Não concordo nem discordo (neutro)
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

9. Com relação a apresentação visual do produto educacional, ela está adequada a proposta do material à temática escolhida?

- Concordo plenamente
- Concordo parcialmente
- Não concordo nem discordo (neutro)
- Discordo parcialmente

Discordo totalmente

10. A diagramação é adequada, sendo agradável ao leitor e informando adequadamente as passagens de seções?

Concordo plenamente

Concordo parcialmente

Não concordo nem discordo (neutro)

Discordo parcialmente

Discordo totalmente

11. O Produto cumpre com o objetivo de propor e fornecer uma visão geral sobre o uso da Exposição como recurso educativo, pelo qual podem ser compartilhados registros fotográficos, imagens ou escritos ou de qualquer outro tipo sobre a temática escolhida pelos docentes e técnicos administrativos?

12. Você identificou erros gramaticais ou de formatação no texto do produto?

Sim

Não

13. Caso tenha respondido sim, quais os erros identificados?

14. O título “O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero” está adequado ao conteúdo do produto educacional?

Concordo plenamente

Concordo parcialmente

Não concordo nem discordo (neutro)

Discordo parcialmente

Discordo totalmente

15. Qual o título que você propõe para o produto?

16. Deixe sua impressão e/ou críticas sobre o material que compõem o Produto Educacional.
